

# OLISIPO

BOLETIM DO GRUPO  
«AMIGOS DE LISBOA»



ANO I

N.º 4

OUTUBRO 1938



# OLISIPO

BOLETIM DO GRUPO  
«AMIGOS DE LISBOA»

DIRECTOR: GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA  
VICE-PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDITOR: DR. EDUARDO NEVES  
DIRECTOR TESOUREIRO

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»  
SEDE PROVISÓRIA: LARGO DO CHIADO, 12, 2.º

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA LIBANIO DA SILVA — TRAV. DO FALA-SÓ, 24 — LISBOA

## SUMÁRIO

VISTA PANORÂMICA DE LISBOA (*final*)

pelo *Dr. Perry Vidal*

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA

pelo *Dr. Eduardo Neves*

AS PINTURAS DO MENINO DEUS, OS TEMAS E OS SEUS  
AUTORES

por *Cruz Cerqueira*

CRÓNICA

por *Luíz Moita*

PÁGINA DE CRÍTICA

por *Luíz Pastor de Macedo*

OBRAS OFERECIDAS PARA A BIBLIOTECA DO GRUPO  
«AMIGOS DE LISBOA»

TODOS OS ARTIGOS SÃO DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES

ÊSTE BOLETIM É ENVIADO GRATUITAMENTE A TODOS OS SOCIOS

# OFFICE

ROYAL CANADIAN MOUNTED POLICE  
SHERIFFS OF CANADA

Department of Justice

100 King Street West  
Toronto, Ontario M5X 1C4

For information only - not to be used for identification purposes

Identification Number: \_\_\_\_\_

This document is the property of the Department of Justice and is loaned to you for your use only. It is to be returned to the Department of Justice when requested.

For more information, contact the Department of Justice.

1-800-960-9842

For more information, contact the Department of Justice.

1-800-960-9842

For more information, contact the Department of Justice.

1-800-960-9842

For more information, contact the Department of Justice.

1-800-960-9842

For more information, contact the Department of Justice.

1-800-960-9842

For more information, contact the Department of Justice.

For more information, contact the Department of Justice.

1-800-960-9842

# Vista panorâmica de Lisboa datada de 1763

(Continuação do n.º 3)

Os números 26 e 27, indicando duas igrejas fronteiras, marcam os locais do templo italiano de Nossa Senhora do Loreto, com frente para o sul, e da igreja paroquial de Nossa Senhora da Encarnação, com frente para o norte, e que a legenda escreve «assumpçam». Essa igreja da nação italiana do Loreto está para mim cheia de recordações familiares. Junto ao altar mor, do lado da Epístola, jaz minha trisavó e quarta avó, Paola Maria Emmanuela Arpe, que em Lisboa faleceu, sendo natural de Génova, da nobre família do seu apelido, viuva de Giuseppe Maria Gavazzo, que, vindo com a família da Holanda, onde se refugiara no tempo em que Napoleão assolou a Itália, se dirigia a Cadiz, cidade em que já se encontrava seu sogro, meu quarto e quinto avô, Doménico Arpe. Passava-se isto em 1800. Como porém Giuseppe Maria Gavazzo ao tocar em Lisboa tivesse conhecimento de que a peste grassava em Cadiz, aqui deixou a família, dirigindo-se só para aquela cidade, onde foi atingido pelo terrível flagelo, ali perecendo.

Em 1857 uma outra epidemia devastou a família Gavazzo. Julgando já extinta a febre amarela voltou para Lisboa, de Belem, onde se refugiara, onde tinha casa, e onde o mal quasi não fez estragos, pois que uma de minhas tias avós, D. Maria da Conceição, precisava tratar-se de um caroço que lhe aparecera. Em breve todos os irmãos que compunham a família e serviçais foram atacados, morrendo em poucos dias D. Maria Evarista Serafina, D. Maria Sebastiana, Angelo e Guilherme Gavazzo e duas criadas, encontrando no Livro dos óbitos da referida igreja nesse ano o registo global daqueles quatro irmãos.

Da família Gavazzo, e das outras de que pro-

venho de origem dalmata (Romano e Radich), numerosísimos registos ali se encontram, de nascimento, de casamento e de óbito.

O número 28 indica um formidável casarão de dois andares altos, com cinco janelas em cada piso, para o sul, e seis para o poente, sem mostra de ruína, mesmo ao pé das muralhas da cidade, todas desmanteladas, e que de junto ao Loreto vêm até próximo da praia. Esse edificio diz a legenda ser a «Caza de Bragança», o magestoso palácio dos Duques, então Reis de Portugal, que ao sul terminava no Ferregial de Baixo, ali marcado por um ripado de madeira. Entre os destroços vê-se uma pedra em forma de cimalha, rematada por pequena cruz. Lembro-me que talvez fôsse da ermida de Nossa Senhora do Alecrim, que por ali existia, e veio a dar o actual nome da Rua.

Todo esse local foi em grande parte habitado durante o Século XIX por parentes meus. Meu bisavô e trisavô Baltazar Radich e sua mulher, a quem me referi no primeiro capítulo, ao tratar de Pedrouços, moraram no prédio do Cais do Sodré, esquina da hoje Praça do Duque da Terceira, onde está hoje a firma Pinto Bastos. Meu bisavô, Francesco Stefano Romano, Consul do Mecklemburg-Strelitz e Corretor da Praça de Lisboa, com sua mulher e filhos, habitaram muitos anos na Rua da Emenda, no prédio para que, muito depois, foram morar os 2.º Condes de Bobone, pessoas tanto das relações dos meus, e onde eu me lembro ainda de ter entrado em criança. Na Travessa do Corpo Santo, no n.º 11, 1.º andar, foram residir meus avós maternos quando casaram e ali nasceu, a 28 de Agosto de 1857, minha querida mãe, que, pela abalada para Belem atrás referida, naquela suntuosa igreja dos Jerónimos foi

batisada. Meu avô, Francisco de Paula Gavazzo, Consul do Uruguay em Belem, Síndico da Câmara dos Corretores e Director de várias Companhias, casado com sua prima D. Maria Cristina Radich Romano, morou mais tarde em dois prédios da Rua do Alecrim e por último na Rua do Ferregial de Cima (depois Victor Cordon) no primeiro andar do prédio que tem actualmente o n.º 19, com lindíssima vista para o Tejo. Nesse prédio nasceu minha Irmã, pois meus pais habitavam então o rez do chão, que comunicava interiormente com o primeiro andar. Na Rua Nova do Carvalho, com esquina para a Rua do Alecrim, moraram durante muitos anos meus avós paternos, Frederico Minio<sup>(1)</sup> Perry Vidal, engenheiro, casado com D. Maria das Neves Gavazzo Radich, e nessa casa ficaram morando depois da morte de ambos duas filhas, até que faleceram também. Mesmo em frente, em diferentes andares porém, residiram meus pais quando se casaram e meu tio Ricardo Perry Vidal, com sua mulher e duas filhas, durante longos anos. Mais tarde residiram meus pais na Rua dos Remolares, n.º 12, no primeiro andar do prédio que toca com o que, fazendo esquina, tem entrada pela Travessa dos Remolares. Neste prédio, com janelas pois para a Rua e para a Travessa do mesmo nome, n.º 28, no seu primeiro andar, nasci eu e nasceu meu Irmão, razão porque ambos fomos batizados na vizinha igreja paroquial de S. Paulo. Mas meus avós paternos moraram ainda no Largo dos Stephens, no pré-

(1) Há tempo, um idiota palavroso e escrevinhador, preferindo, como costuma em tais actos *heroicos*, o anonimato... prudente, dactilografou-me uns postais (j como se pelo dedo se não conhecesse o gigante!) mostrando-se muito aflito por eu usar em certas ocasiões solenes, e quando me dá na minha realíssima gana, apelidos que herdei de meus antepassados, que são meus e muito meus e que por isso não há ninguém, por mais bem armado e ornamentado que pela frente me apareça espinotando, seja capaz de me fazer desistir de os usar. Felismente nunca tive medo desses bichos e como o a que agora me refiro lerá com certeza este meu artigue-lho e o há-de ruminar várias vezes, aqui lhe aconselho a que se deixe de ser soez, ridículo e poltrão, crendo que nada me incomodaram as baboseiras com que gastou o seu tempo. Mas previno-o de que não insista, porque a tal gana pode dar-me, sendo realíssima, para outras coisas mais prontas e efectivas. Se eu já fui da «*aficcion*»...

dio que tem três frentes e, sendo rez do chão para êsse Largo, é primeiro andar para a Rua das Flores e para a Rua de São Paulo, e foi daí que minha mãe saiu para se casar, também na dita igreja paroquial.

Mostra o número 29 um grupo de construções logo abaixo do Ferregial, com uma escada entalada entre muros, e na legenda, seguido de uma interrogação, se lê: «Corpus Santo». Possível é que seja a igreja e residência dos Padres irlandeses; porém, se o é, muito diferente está do que é hoje, o que não admira, pois a fachada desse templo só muito tarde foi terminada. Em cima, sem número, umas ruínas indicam talvez a derruída paroquial de N.ª S.ª dos Mártires, que era em local diferente daquele onde hoje está.

Para o nascente, outra grande mole é «Sam franco da Cidade» (a «Cidade de São Francisco» como dizia Pombal), e mostra o n.º 30, sobre rochas escarpadas e, mais em baixo, aparência de novas ruínas.

O n.º 31, repetido, junto mesmo ao Tejo, um grande edificio que se adivinha ter a sua fachada para uma rua que lhe corre ao norte e com três corpos salientes para o sul, mostra um arco, que será talvez o que remata o arco de entrada do Arsenal, pois que, segundo a Legenda, do «arsenal novo» se trata.

Mesmo por detrás desse edificio vê-se outro muito arruinado na parte que ficou de pé, parecendo que outra parte, do nascente, é um montão de ruínas. Mostra o n.º 32 e a Legenda diz: «Ruínas do Paço Real (?)». ¿ Ora todo esse conjunto de ruínas não englobaria, com mais terreno onde, nos oito anos decorridos, se teria edificado tanto casario para o poente e até uma estranha construção com forma de pirâmide quadrangular, com grande porta para o sul, o Palácio da Corte Real, a Catedral e a Casa da Ópera, numa extensão como a que vai hoje do Largo do Corpo Santo ao Terreiro do Paço?

Refere-se ao Convento do Espírito Santo o número 33, em plena Baixa, totalmente arruinado pelo terramoto e pertencia aos Padres da Congregação do Oratório de S. Filipe Nery<sup>(1)</sup>.

(1) João Bautista de Castro, Loc. cit., vol. III, pág. 388.

Fecho este capítulo com o número 54, mostrando este último número da segunda coluna da Legenda tratar-se da «placa do rocío», que já se não vê, apenas localizando a famosa praça o autor com o número que lhe põe sobre algumas edificações.

Chego assim ao final de um terceiro e extenso capítulo desta tarefa, tendo tido que apressar mais, não só porque fatigaria demasiado os meus leitores (se é que os tenho) mas porque de todo em todo me falta o tempo, que não o assunto, pois, bem esmiuçado todo aquele conjunto, muita coisa poderia vir aos bicos da pena neste gôsto de decifração e de localização de pontos duma Lisboa que, por tantos sítios desapareceu já, dando vida a novos pontos, com novas construções, tudo se transformando com o andar incessante do tempo.

Estou chegado ao último capítulo da digressão a que me propús e longo tem sido o passeio que, com o leitor, tenho dado por esta encatadora cidade de Lisboa, numa época já distante, evocando figuras do passado e assinando locais já tão diferentes dos de hoje, monumentos, construções, casas de habitação e de retiro espiritual, quantas delas desapareceram para sempre.

Fiquei, ao fechar o capítulo antecedente, em pleno Rossio, vendo a Baixa perfeitamente demarcada, então toda em ruínas, no apertado vale entre o monte de São Francisco e o do Castelo. O grande templo e convento da ordem do Poverello de Assis não deixa ver outras ruínas que ficavam na mesma direcção, mas mais para o alto, e que o desenhador deveria talvez ter podido indicar: o Carmo, as ruínas venerandas do convento de Nossa Senhora do Vencimento, no monte da Pedreira, sobre o Rossio, fundado por D. Nun'Alvares Pereira, que ali, como Donato, acabou seus dias na modéstia de uma estamemha, êle que tivera o corpo bastas vezes coberto do ferro das armaduras, nos dias gloriosos das batalhas que venceu.

A marcar a feira de colinas do outro lado vê-se, lá longe, (número 35) o Colégio de Santo Antão, com duas grandes cruces no alto das tôrres que debruam a fachada principal. De

Casa dos Padres Jesuitas passou para hospital e é hoje, com muitos acrescentamentos, adaptações, reformas e novos corpos construídos à custa da cêrca, o Hospital de S. José. Do Rossio sobe até ali um aglomerado de habitações e para o lado do nascente outra feira de edificações se vê, a mostrar a povoação daqueles logares. Santo Antão, na sua eminência, faz salientar, nos vales laterais, os cursos das duas antigas ribeiras: Valverde, a lêste, e Arroios, a oriente.

No alto de nova colina, deshabitada e íngreme (36), voltada a porta principal para o poente, o templo de Nossa «Snr. da graça», dos frades agostinhos, há pouco ainda tão bem descrito, assim como todo o convento, em trabalho excelente do meu presado consócio e amigo, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Mário de Sampayo Ribeiro. E quando outras notícias mais antigas não houvessem dêste venerando monumento bastaria êsse estudo minucioso e proficiente para satisfação dos mais exigentes.

O número 37 marca um bairro, «Moreira», cheio de pequenas casas. É curioso que em Lisboa perdurou muito mais a referência aos mouros que aos judeus. De há muito que do vulgo desapareceu o conhecimento onde ficariam as judiarias e ninguém do povo sabe onde seria Vila Nova de Gibraltar; pois a Mouraria todos sabem onde é e letreiros de ruas e calçadas atestam ainda hoje a existência dessa gente vivendo na capital do país.

O n.º 38 indica «Ruina do hospital», mostrando os destroços a que o edificio ficara reduzido.

Segue-se uma verdadeira barafunda, marcado no chão o n.º 39, que a Legenda diz ser o «terreiro do Paço». Por toda a parte ruínas, casotas de madeira, junto à água estacaria segurando as terras que no dia fatal foram alagadas pelo *maremotum*. A perspectiva não ajuda porque o edificio do Arsenal novo esconde parte do local, não deixando ver as ruínas do Paço da Ribeira, dando contudo o desenho a impressão de que os destroços da Casa da Índia já naquela data teriam sido removidos dali. Também um cais se vê, parecendo armado em declive sobre estacaria, no local, pouco mais ou menos, onde é hoje o Cais das Colunas.

No alto de elevado monte o «Castel Sam

Jorg.», número 40, mostra dentro dos muros ameidados edificações várias, ostentando descomunal bandeirola. A meio da colina, um edifício com janelas em dois andares e perfeitamente destacado lembra-me que possa ser o Palácio dos Marqueses de Tancos.

Por entre muita casa e mostras de locais em ruínas desce-se até um grande templo, que se vê ter caído em parte, restando-lhe contudo a fachada sul com formosa portaria. É o número 41 e a legenda chama-lhe «Misericorda». É o templo da Conceição Velha, como hoje é conhecido.

Uma pequena casa, sem qualquer forma externa de templo, na elevação tão bem indicada que vai da Madalena para a Sé, com o número 42, diz a legenda ser a Igreja de Santo António. Ali está o local venerando onde o grande Santo franciscano, natural de Lisboa, começou seus dias, segundo a tradição. Para gôsto dos que se regalam com estas admiráveis antigualhas lembro que é sempre interessante ler e reler o capítulo que começa a págs. 171 do 2.<sup>o</sup> volume da obra *Depois do Terremoto*, já aqui citada, do grande trabalhador das memórias evocativas de Lisboa, o Ex.<sup>mo</sup> Senhor Matos Sequeira (1).

Quanto às origens dos Bulhões portugueses creio que ainda ninguém terá estudado o assunto por um sistema que apliquei há anos para um outro apelido e me deu bons resultados, segundo julgo, trabalho que tive a honra de comunicar à Associação dos Arqueólogos, em palestra ali feita. Esse sistema consiste em proceder à indagação por intermédio da Heráldica, procurando os braços de armas das duas ou mais famílias que se julgam uma só e fazendo a comparação ou, mesmo, a identificação, se acaso os estes são idênticos. É que a linguagem heráldica, sem dúvida a mais difícil de todas as do

(1) Permita-me S. Ex.<sup>a</sup> leve reparo a duas exclamações suas, que me não parecem admissíveis. 1.<sup>a</sup>), pág. 185, linha 2.<sup>a</sup>, «em *est cadaver matrij D. (I) Antoniij...*» Aquele *D* não é abreviatura da palavra *Dom*, portuguesa, mas do termo *Domini* latino, que quer dizer Santo, 2), pág. 184, linha 26, em «*que achastes ora novamente (I)...*» Este advérbio não tinha dantes a acepção que se lhe dá hoje e queria então dizer *neste momento, nesta ocasião*, reforçando, quanto a mim, naquela frase, o termo *ora*.

mundo, encerra em si problemas de extraordinário interesse para a resolução destes casos genealógicos.

Aproveito assim, a meu modo, a ocasião de render o meu mais fervoso preito ao grande taumaturgo português, Santo António de Lisboa, que no século se chamou Fernando Martins de Bulhões, nas páginas dêste meu trabalho sôbre a sua cidade natal.

Subida um pouco mais a encosta, uma grande ruína, com o número 43, mostra a «See velha», sem a cobertura, com o zimbório mais de meio deitado abaixo, com a fachada sul desmuronada em parte e a tôrre da esquerda da porta principal em grande parte derruída.

Uma pequena tôrre campanária e rematada por uma cruz, junto da qual se vê o número 44, quer mostrar «S.<sup>1a</sup> moniqua». É êrro manifesto. Ali? Dá-me a impressão que êsse campanário deveria ser desenhado para a direita, e não para a esquerda da Sé, sôbre as casas que se vêem entre Santa Maria Maior e São Vicente de Fóra.

Sob a Sé se notam mais vestígios de ruinaría e até à praia o imenso conjunto das casas do bairro da Alfama. Junto à praia, o número 45 indica a «Ribeira».

São Vicente de Fóra (46), está bem destacado, embora o desenho não mostre que aquelas janelas todas são do convento e não da Igreja.

Para baixo e um pouco ao nascente a igreja inacabada de Santa Engrácia, número 47, tentando o autor mostrar a sua curiosa fachada. No alto da colina a primeira nota campestre, indicativa de que se vai já saindo da cidade, é dada por um moinho de vento, ponteagudo e com as suas quatro asas.

Junto à margem (48) o «quais das Cebolas», com grande muro de defesa e muitos armazens, dando a mostra que é local de comércio intenso da capital. Segue-se, plena Alfama, um prédio de telhado em forma de cone de revolução e grande portal que, com o número 49, diz a legenda serem as «alcasserías». Quais delas? As de D. Clara ou as do Duque de Cadaval? Ambas ainda conheci, subsistindo actualmente apenas a segunda com uma curiosa tina com degraus, no último compartimento, para os judeus, que lhes é vedado tomarem banho deitados



Já para trás ficam velharias, que é impossível destrinçar por entre o casario acumulado: a Casa dos Bicos, que de quatro andares o terremoto reduziu a dois, o palácio dos Condes de Coculim, ainda hoje ostentando na esquina o braço faxado dos Mascarenhas, servindo o interior para armazem de ferro da firma Sommer, a bela casa com sete janelas que se lhe segue, habitação de um trisavô meu, à qual, continuando a rua, ficava junto o palácio que veio a ser do Conde de Vila Flor, mais tarde 1.º Duque da Terceira, a quem êsse meu antepassado liberalmente entregava boas somas que o Duque lhe pedia emprestadas, quando não tinha com que pagar às tropas.

Junto também ao Tejo, e com um anexo com porta mesmo para o rio, vê-se o edifício velho da Alfandega (n.º 50) e, logo adiante, um pouco mais para dentro (n.º 51) a Fábrica do Tabaco, com enorme portão e sôbre êle uma também enorme corôa real.

Novo cais, o da Fundição, cujo edifício tem o número 52, com a porta principal para o poente, mostrando-se, mesmo à beira dêle, duas peças de artilharia. Êsse edifício, reconstruído e com nova aparência, é hoje o Museu de Artilharia.

Segue-se um comprido número de casas, deixando perceber grande quantidade de ruas, travessas, becos da continuação da Alfama para o oriente. Muito haveria por todo êsse sítio a esmiuçar, localizando capelas, igrejas, paróquias, indicando quais devem ser as que por vezes na Vista aparecem com as suas cruzinhas, indicativas de casas de oração; mas falta-me de todo o tempo e não lucraria com isso grandemente o leitor pachorrento e minucioso, que tudo tem bem explicado no paciente e doutíssimo Castilho, que, como poeta que era, soube fazer de todas estas velharias um grande poema em prosa em que cantou a querida cidade onde nasceu. Logo adiante (53) o Cais dos Soldados, seguido (54) de novos «almazems», por detrás dos quais se vê, número 55, com a sua fachada principal exposta a sudeste, a Igreja da casa dos Barbadinhos Italianos de Nossa Senhora da Conceição da Porciúncula, estabelecidos êstes em Lisboa em 1686. Depois de se terem acolhido na Ermida de N.ª S.ª do Paraizo, construíram então a

casa a Santa Apolónia, para a qual concorreu largamente el Rei D. João V (1).

Que me conste, todo o edifício desapareceu, ou foi, pelo menos, mascarado e dado a outro fim. Perdura porém o nome na «Calçada dos Barbadinhos».

Pouco adiante nota-se uma grande ladeira, com larga entrada. Deve ser a actual Rua do Vale de Santo António, que vai dar aos Quatro Caminhos, ou a Sapadores, como agora soe dizer-se. Notam-se af dois prédios escorados. Seria influência do terremoto?

Mesmo junto ao Tejo se vê a casa de Santa Apolónia, com o número 56, de religiosas claristas da Primeira Regra, fundada por uma religiosa que de Vila Viçosa veio com a família Real para Lisboa quando da Restauração acompanhando a Infanta D. Catarina a Inglaterra, por ocasião do seu casamento com o Rei Carlos II da Grã Bretanha. Diz Gonzaga Pereira (2) que a fundadora, Isabel da Madre de Deus, se acolhera primeiramente na Ermida de Santa Apolónia, que era dos Confeiteiros. Essa ermida a julgo poder localizar por certa pequena tôrre com cruz no alto e vestígios de telhado pontea-gudo ao lado, mesmo por detrás da edificação do convento, que ficava junto ao forte, também chamado de Santa Apolónia, e, segundo parece, já em 1763 desaparecido, muito próximo das antigas portas da cidade.

A meia encosta e logo a seguir se vê o aglomerado de construções do Recolhimento de Santos-o-Novo, das Comendadeiras de São Tiago da Espada, número 57, com a sua Igreja, tórres sineiras e anexos, em local já quasi des-campado.

De novo junto à margem, com muro sôbre ela numa grande extensão e muro paralelo do lado da terra mostra-se como que um pedaço de boa estrada, não direi como as de hoje, mas lisa e transitável, tendo ao meio um formoso arco formado por quatro colunas rematadas por corucheos e sôbre o arco um tímpano com uma inscrição. Lembro-me que seriam ali as portas antigas da cidade, as chamadas Portas de Santa Apolónia.

(1) Gonzaga Pereira, loc. cit., pág. 77-

(2) Loc. cit., pág. 277.

Depois de vário casario vê-se, número 58, o convento, com sua Igreja de Nossa Senhora Madre de Deus, de religiosas da seráfica ordem de São Francisco de Assis, cabeça da Ordem desde 1532, em que se separou a Província dos Algarves (1).

O facto de conhecer mal este prolongamento, rio acima, da cidade de Lisboa, por locais outrora arrabaldinos, e que esta Vista bem o mostram ser assim na época em que foi desenhada, faz-me não poder identificar ou localizar, como tanto gostaria, algumas edificações que pessoa familiarizada com o sítio facilmente poderia ainda hoje reconhecer. Que mo perdoem os leitores, mas prefiro não me deitar a adivinar a propôr soluções erradas. Vem isto a propósito de notar um edifício suntuoso, de um só piso, com oito janelas e grande portal com dupla escada entre a quinta e sexta janelas e renque de cinco águas-furtadas no telhado, com talvez capela dando para a travessa que ao nascente se vê, se é que uma pequena torre, possivelmente de sinos, lhe pertence, construção que Bernardo de Caula não indica o que seja e pode ser talvez algum desses palácios sub-urbanos, tão do gosto das grandes famílias que viviam na Côrte.

O número 59 localiza o Convento franciscano de São Francisco de Xabregas, enorme, com várias edificações anexas ao redor, grande portão, muro alto e zimbório de lunetas com uma torre e grande cruz a encimá-la, A Igreja, lhe chama Gonzaga Pereira (2), de Santa Maria de Jesus de Xabregas, da Ordem Seráfica de São Francisco de Assis, pertencente à Província dos Algarves, tendo sido fundadores do Convento a Condessa D. Guiomar de Castro, mulher do 1.º Conde da Atouguia, D. Alvaro Gonçalves de Ataíde, em 1455.

É este número 59 o último apôsto na Vista sobre os vários locais desenhados. Como vimos atrás, ao tratar-se da Legenda, a numeração vai até 64.

Ora logo a seguir e sempre para este, depois de algumas casas que poderiam pertencer-lhe, nota-se a grande cêrca arborizada do Convento dos Grilos, «os grellos», segundo a Legenda, vendo-se a igreja, com frente ao poente, e a

tôrre dos sinos na trazeira. Mais uma vez o citado Autor (1) nos diz ser aquele o Convento de N.ª S.ª da Conceição do Monte Olivete dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho, tendo sido seu fundador, em 1664, o venerável Padre Fr. Manuel da Conceição.

Não sei, no restante desta Vista, onde possa localizar o «Beat antonio», que na Legenda se indica com o número 61 e bem assim o Palácio da Mitra ou «do patriarcha», que vem com número 62.

Por Beato António, diz Gonzaga Pereira (2), ser mais conhecida a Igreja de S. Bento de Xabregas, da Congregação dos Cónegos Seculares de S. João Evangelista, sendo aquele Beato o seu fundador, pelo ano de 1455.

Os dois restantes números da Legenda, 63 e 64, indicando respetivamente «Samoça e golfe de aldeaga legua» e «Cacilhas e golfe da al-mado», referem-se a pontos da Outra Banda. O mais curioso é que nem Samora Correa nem Aldeia Galega (hoje Montijo) se vêem representadas, estando-o apenas, com o último daqueles números, o pontal de Cacilhas e Almada, com o seu castelo.

Foi grande a digressão. ¿Fatiguei com ela o leitor? Que êle, se acaso o tenho, mo perdoe, porque a intensão de trazer a público algo desconhecido foi o único intuito que me levou a vulgarizar este trabalho de Bernardo de Caula, conservado inédito e desconhecido durante um tão largo período de anos.

No decorrer da feitura deste trabalho o original de que me servi mudou de dono e devo portanto também à gentileza do seu novo possuidor ter podido levar a cabo este estudo. E julgo que não cometo indiscrição dizendo que esta Vista panorâmica de Lisboa em 1763 faz hoje parte da magnífica coleção do meu illustre Amigo, Ex.º Senhor Engenheiro Augusto Vieira da Silva, que logo de começo citei e cuja obra sobre Lisboa ninguém se deve cansar de ler e elogiar.

Dêste panorama de Lisboa, tão próximo da época do cataclismo que a cidade sofreu, pode, segundo creio, do seu estudo, do seu aturado exame, tirar-se uma conclusão: Foi enorme o

(1) Loc. cit., pág. 329.

(2) Loc. cit., pág. 209.

(1) Loc. cit., pág. 22.

(2) Loc. cit., pág. 109.

destroço, mas foi verdadeiramente localizado a uma parte da cidade, que, essa sim, sofreu verdadeiro aniquilamento. Outra conclusão a tirar diz respeito à rapidez com que se terá promovido à remoção do entulho, que tão depressa desapareceu e à rapidez com que grande parte do que na cidade caiu foi substituído por novas edificações. São factos inconstestáveis, pois de contrário o autor do desenho mostraria êsses entulhos, êsses escombros. E assim como lembrei várias das facetas horríveis do espírito de Pombal não devo olvidar esta, que lhe é lisonjeira. O estudo dêste desenho de Bernardo de Caula veio enraizar me mais ainda a impressão que há muito tenho formado sobre Sebastião de Carvalho: na reedificação de Lisboa o Marquês de Pombal foi verdadeiramente grande.

NOTAS—1.<sup>a</sup>) Não quero terminar sem um esclarecimento a Alguém, uma Senhora, que, embora se me dirigindo anònimamente (o que é sempre para lastimar) o faz por fórma tão amável e correcta que é meu dever elucidá-la, tanto mais que é S. Ex.<sup>a</sup> quem erra, a-pesar das inculcadas relações pessoais. E sou eu, como vou prová-lo, que estou na verdade. Diz respeito a certa passagem que vem na 1.<sup>a</sup> parte dêste estudo, publicado no N.º 2 desta revista, a pág. 16, 1.<sup>a</sup> col., *in fine*.

Diz-me essa Senhora: «No seu Olisípo vem um engano que lhe venho notar. O seu primo D. Miguel Osório Cabral... não era filho do 1.º casamento de D. Duarte de Alarcão, mas do 2.º, e daí lhe veem os seus 1.ºs nomes *Miguel Osório*, que assim se chamava o pae de D. Maria Emília Osório, juiz m.<sup>to</sup> respeitável. Fui amiga dela e da sua mãe, excelentes pessoas».

Agora o que eu escrevi: «... mais tarde propriedade de D. Duarte de Alarcão, que foi secretário da Universidade de Coimbra e pai de meu Primo, D. Miguel Osório Cabral..., actual Senhor da Quinta das Lágrimas... (que era filho do seu 1.º casamento), etc.»

Abra-se o magnífico livro do meu presado e respeitabilíssimo amigo, Ex.<sup>mo</sup> Senhor Dr. Álvaro de Azeredo Leme Pinto e Mello, *Azere-dos de Mesão-frio—Seus ramos e ligações—*, Porto, 1914, a pág. 70. Aí se encontra (linha 6): «14—D. Maria da Assunção de Nápoles

*Manuel de Menezes Pita*, casou com D. Duarte de Alarcão Velasques Sarmento Osório. Fidalgo-cavaleiro da C. R., Secretário da Universidade de Coimbra, filho de D. José de Alarcão Velasques Sarmento Osório [Risque-se aqui êste apelido, nota minha], fidalgo da C. R., e de sua mulher D. Maria do O Osório Cabral Pereira de Menezes (1), da quinta das Lágrimas, em Coimbra. [Já por aqui, e pela nota abaixo, se vê que por seu pai, avô e seu tio avô, o Senhor da Quinta das Lágrimas de hoje tem a quem sair Miguel Osório]. Tiveram: 15—D. Miguel Osório... , casou com D. Maria Brígida Leite Perry de Sousa Gomes. 15—D. Maria do O de Alarcão Velasques de Nápoles Manuel, casou com D. Domingos Teles da Gama, filho dos Condes de Cascaes».

Folheie-se agora uma outra obra mais recente: «*Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*», Braga, 1931, 2 volumes, do meu falecido amigo e ilustradíssimo genealogista, o Dr. José de Sousa Machado. Veja o 1.º vol., pág. 308. A linha 13 lê-se: «4 D. Duarte de Alarcão Velasques Sarmento Ozorio, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Bacharel formado em Direito e Secretário da Universidade de Coimbra, etc., nasceu a 5 de Novembro de 1854 e faleceu a 9 de Março de 1905, tendo casado duas vezes: a 1.<sup>a</sup>, a 9 de Setembro de 1881, com D. Maria da Assunção de Menezes Pita de Lemos e Nápoles, que nasceu a 31 de Março de 1865 e faleceu a 13 de Abril de 1887, filha de José de Lemos e Napoles Manoel, Sr. da Casa de Sarzêdo (Moimenta da Beira) e de sua mulher D. Rufina Candida Sarmento de Vasconcelos e Castro... ; e a 2.<sup>a</sup>, a 17 de Junho de 1889, c. D. Maria Emília Ozorio Cabral, que nasceu a 7 de Junho de 1850, filha de Miguel Ozorio Cabral (2), Par do Reino, Deputado da Nação e Juiz do Supremo Tribunal de Jus-

(1) Esta Senhora foi irmã do Senhor da Quinta das Lágrimas e da Casa da Ratoeira, D. Miguel Osório Cabral de Castro, Par do Reino, que deixou aquela formosa e histórica propriedade a seu sobrinho-neto, tendo falecido solteiro e sem geração.

(2) Não confundir êste com o atrás citado tio avô do actual D. Miguel, que nesta obra, pág. 306, com o nome de Miguel Ozorio Cabral de Castro, foi sucessor da casa de seu pai, Par do Reino, Conselheiro, etc., n. a 18 de Julho de 1850 e fal. a 19 de Julho de 1883.

tiça, etc., e de sua mulher D. Maria Carolina de Almeida,

Filhos do 1.º matrimónio.

5 D. Miguel, que segue.

5 D. Maria do Ó de Alarcão Velasques de de Napoles Manuel. -- N. a 5-I-1886 e casou, a 30-IV-1907, com D. Domingos Teles da Gama, que n. a 23-VII-1883, filho dos Condes de Cascaes (A. 66, § 3.º, p. 35). C. G.

Filho do 2.º matrimónio.

5 D. José de Alarcão Velasques Sarmiento Ozorio. — Bacharel formado em Direito, etc., n. a 7-X-1891 e casou, a 7-VII-1917, com D. Etelvina Mota de Oliveira, que n. a 4-I-1891. (Com geração).

5 D. Miguel Ozorio Cabral de Castro Pereira Homem de Alarcão Velasques Sarmiento Corrêa da Fonseca e Andrade, Senhor da Casa e Quinta das Lágrimas em Coimbra e de toda a Casa de seu tio o Conselheiro Miguel Ozorio Cabral de Castro (pág. 306), Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, etc., que nasceu a 12 de Agosto de 1884 e casou, a 3 de Janeiro de 1907, com D. Maria Brígida Bressane Leite Perry de Souza Gomes, que nasceu em Braga a 11 de Julho de 1884, filha primogénita do Doutor Francisco José de Sousa Gomes, Lente Catedrático da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, erudito escritor e distinto orador católico, etc., e de sua mulher D. Maria Brígida Bressane de Leite Perry, irmã do falecido Visconde de Leite Perry». (Com geração).

Já por aqui vê a minha ilustre contraditora que tenho razão, muito bem conhecendo quanto mais me diz, dado porém somente com diferentes pessoas.

2.ª) Estava já composto o n.º 3 desta Revista, e eu fóra de Lisboa e doente, quando no «Bazar», 3.º ano, n.º 22, de 5 de Agosto, publicou o 1.º dos seus três belos artigos o meu ilustre colega e amigo, Ex.º Sr. Dr. Ernesto Ennes, sobre «Uma escritora brasileira do sec. XVIII (D. Tereza Margarida da Silva e Orta)». Vi logo por certa passagem dessa primeira parte do primoroso estudo de S. Ex.ª que errara eu quando ao escrever na parte dêste trabalho (que havia de sair dali a breves dias, não indo já a tempo a rectificação), falo,

a pág. 6, do Palácio Alvor e o dou como comprado por Pombal. Errei, embora fiado na tradição e até no que anda escrito, pois o Sr. Raul Proença, no seu 1.º vol. do «Guia de Lisboa», assim o indica. Pelo trabalho acima referido fiquei sabendo ter sido êsse palácio adquirido pelo pai da escritora brasileira e de Matias Aires Ramos da Silva de Eça. Mas também assim não era, como gentilmente me confessou o ilustre autor do artigo, pois fóra aquela indicação lapso seu, tendo o palácio sido adquirido pelo filho, Matias Aires, e não pelo pai, que se chamava José Ramos da Silva.

Logo fiz tensão de, no final dêste meu humilde trabalho, juntar uma 2.ª nota com a rectificação necessária e assim o comuniquei áquele meu Ex.º Colega a quem devia a emenda dum engano.

Ao chegar a Lisboa, encontrei uma carta do meu Ex.º Colega, nos «Amigos de Lisboa», Senhor Marquês de Rio Maior, que, lendo a passagem, me advertia do êrro. Da correspondência trocada fiquei sabendo que o comprador aos herdeiros de Matias Aires «cêrca de 1768», fóra Paulo de Carvalho e Mendonça, irmão de Sebastião José. Por morte de Paulo de Carvalho «ocorrida a 17 de Janeiro de 1770, o prédio passou para seu irmão e herdeiro, o Conde de Oeiras, feito Marquês de Pombal a 16 de Setembro dêsse mesmo ano 1770», conforme o Ex.º Sr. Marquês de Rio Maior escrevera no seu livro *O Marquês de Pombal, sua vida e morte cristãs* (1), Lisboa, 1934, nota 4 da pág. 203 e para a qual me remeteu em sua primeira carta. E fiquei sabendo também que o mesmo Sr. Marquês julga poder afirmar nunca ter ali habitado Pombal, só lá vindo a residir mais tarde seu filho primogénito, o 2.º Marquês de Pombal, apresentando-me razões de certo pêso, que em muita consideração tomei, embora me não tenham chegado a convencer, tanto mais que o Sr. Dr. Ernesto Ennes reforça em carta sua a minha indicação com as seguintes palavras: «E' certo que o Palácio Alvor foi habitado pelo Marquês de Pombal, como V. Ex.ª afirma».

(1) Estas palavras entre aspas são copiadas do livro citado do Sr. Marquês de Rio Maior.

Dá-me S. Ex.<sup>a</sup> porém uma preciosíssima informação, infelizmente tão vaga quanto S. Ex.<sup>a</sup> a tem também. No entanto aqui a deixo exarada, pois pode ser que algum leitor desta nota nos possa dar informações mais concretas do que a ambos tanto interessaria. Sabe o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Ennes que existe um folheto — alegação, contestação, relação, exposição, ou coisa que o valha — da autoria dum filho de Matias Aires (1), em que se narra a história da transmissão do palácio em questão. E consta também áquele Senhor que um exemplar desse raro folheto foi vendido, por 1927 ou 1928, num dos leilões organizados por uma das livrarias, de Manuel ou José dos Santos.

O Sr. Dr. Ennes diz-me ainda na sua atenciosa carta que, quando Matias Aires morreu, por 1765, já este o não habitava, assim como sua mãe, D. Catarina d'Orta, que lhe sobreviveu.

O desejo de encontrar um exemplar do precioso folheto, ou alguma indicação sobre ele, levou-me naturalmente a indagar na roda dos amigos e investigadores curiosos e não foi em vão. O distinto publicista Ex.<sup>mo</sup> Sr. Gastão de Matos indicou-me um trabalho do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Matos Sequeira sobre aquela propriedade, inserto na «Feira da Ladra», vol. 5.<sup>o</sup> (1952),

(1) Matias Aires Ramos da Silva de Eça faleceu por 1765, pouco mais ou menos.

págs. 7 a 10, com uma estampa desdobrável, e que tem este sugestivo título: «*Em que se conta como os Carvalhos da Rua Formosa adquiriram um soberbo palácio a trôco de uma folha de papel selado*».

Remeto para ali o leitor curioso e ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Rio Maior pedirei licença para observar, em vista de tal artigo, que foi ainda por menos de tuta e meia, como eu escrevera, que o Marquês de Pombal recebeu o palácio Alvor, além de restaurado ricamente «para as projectadas festas nupciais do filho», segundo palavras do ilustre autor.

Errei ainda quando disse que os terrenos adjacentes iam até ao palacete, residência actual do Senhor Marquês de Pombal. Nem sequer me lembrei no momento que duas estreitas serventias separam os dois imóveis! Caridosamente mo observou também o Sr. Marquês de Rio Maior, informando-me que esse palacete entrara na Casa de Pombal pelo casamento do 6.<sup>o</sup> Marquês, pai do actual, com a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria do Carmo Fernandes, a cuja família pertencia.

E, terminando, aos ilustres amigos nesta nota referidos, publicamente me é grato renovar os meus agradecimentos.

Ajuda, Setembro, 1958.

F. G. P. V.

ACABA de ser posto à venda  
o 2.<sup>o</sup> volume de

Obra póstuma de  
Pinto de Carvalho  
(Tinop), livro indis-  
pensável em tôdas as  
bibliotecas dos «Ami-  
gos de Lisboa».

LISBOA  
DE OUTRORA

# Igreja de Nossa Senhora da Penha de França

Palestra proferida pelo Dr. Eduardo Neves na visita que os «Amigos de Lisboa» fizeram em 5 de Junho do corrente ano ao antigo Santuário de Nossa Senhora da Penha de França

**P**ARA tudo é preciso sorte e para tudo ela é vária. Desta vez não foi pródiga nem para V. Ex.<sup>as</sup>, que me deem que ouvir, nem para mim que vos tenho que falar. Não porque isso, me não agrade, pelo assunto e minha natural propensão, mas, porque tenho a consciência da minha insuficiência.

Ao honrar-me falando, precedidas as necessárias autorizações, a dentro dum templo da Religião que professo, sejam as minhas primeiras palavras de Fé e de humildade. Fé em que a Padroeira dêste local permita que não podendo eu ser eloqüente ou brilhante seja ao menos claro e exacto, e humildade confessando voluntariamente e de antemão o pouco que sei e o mal como o vou dizer.

## A ORIGEM

Andam por estes sítio ligados, como aliás por Portugal inteiro, a fé, o patriotismo e a caridade. E foi sob êsses desígnios tão altos, que segundo se refere, António Simões, lisboeta de nascimento, escultor, entalhador ou dourador de profissão (tudo lhe deem chamado) ao ver perdido nas plagas africanas o exército do seu Rei o Senhor Dom Sebastião prometeu se são e salvo chegasse a Lisboa, nossa terra, fabricar por suas mãos seis, sete, oito ou nove imagens de Nossa Senhora — (estou em crer que foram sete, as mesmas que as dôres de Nossa Senhora e que o número dos altares que nesta Igreja lhe são consagrados) — e a tôdas dar condigno destino com invocações diferentes.

Chegou, cumpriu e ao ter que consagrar invocação à última, foi nas indicações de Frei Ignácio Martins, o Padre Ignácio da Cartilha

Maternal, que escolheu a designação: Penha de França, em recordação da Virgem da mesma invocação existente nas cercanias de Salamanca, em Castela, na serra dêste nome e muito da devoção dêsse clérigo, descoberta em 1434 pelo francês Simão Vela, que na sua nação recebeu a revelação do local onde se encontrava a imagem. Diz-se que, António Simões e o Padre Ignácio se desconheciam e que em encontro casual êle lhe teria dito sem pergunta prévia, como que adivinhando o seu desejo e pensamento, o nome a dar à Imagem.

Colocou-se a primitiva Imagem de princípio na Ermida da Vitória na Caldeiraria e daí foi solenemente transferida para aqui, o então Cabeça de Alperche, para a Capela edificada nos terrenos de Afonso Tôrres de Magalhães. Sobre o local referem-se várias previsões, como seja a de um Padre da Companhia de Jesus ao passar por estes sítios ter dito que dada a beleza da vista esperava em Deus que ainda aqui se erigisse um templo à Virgem, outra de que Afonso Tôrres de Magalhães ao ceder o terreno ter posto a clausula, como que antevendo o futuro, que se um dia a Capela viesse a ser Convento para êle queria reservada a Capela-Mór.

Por António Ferreira — dourador do Rei — foi António Simões trazido a estes arredores e consigo trouxe uma outra Imagem também da sua autoria — S. João dos Bemcasados — que depois foi para a Ermida do seu nome na respectiva rua e agradado do monte foi solicitar a cedência do terreno a Afonso Tôrres que se excusou. Como meio persuasório deixou-lhe a Imagem de S. João e ficou de voltar.

Se não foi de princípio fácil a António Simões conseguir de Afonso de Magalhães a ce-

dência do terreno, foi depois chamado porque na noite seguinte ao pedido foi êste atacado de dôres de cólica, de que esteve quási a morrer.

Sua mulher, Dona Constança de Aguilhar, lembrou-se, com o clérigo que já assistia ao marido de invocar Nossa Senhora da Penha; assim também fêz o enfêrmo e logo sarou, resolvendo então fazer doação do terreno.

Antônio Simões ancho de tão grande conquista que logo considerou milagrosa colocou no local uma haste com uma bandeira em que desenhou a Imagem e refere-se que uma noite — 22 de Março de 1597 — ela resplandecia como que iluminada, começou então a romaria e jâmais deixou de haver guardas à bandeira milagrosa.

## OS EDIFÍCIOS

Lançou-se a primeira pedra da primitiva Capela em 25 de Março de 1597 a isso assistindo Padre Inácio e outros e nela esculpiram «Jesus Maria-Avante» e nesse mesmo ano para aqui foi trasladada a Imagem em solene procissão, sendo dita a primeira missa em 10 de Maio de 1598, pelo Arcebispo de Lisboa Dom Miguel de Castro.

Continuaram afluindo os romeiros e com a peste que em 1599 assolou Lisboa recrudesciu a devoção que a êste subúrbio trazia a população aflita, a ponto de, a própria Câmara pela voz do seu presidente D. Julianes da Costa, ter interposto recurso aos dons da milagrosa Imagem, para que debelasse o mal, tendo-lhe prometido uma procissão de penitência em que iria com os vereadores descalços e de noite, uma missa de festa e uma edificação condigna da Capela-Mór.

Esta promessa cumpriu-se e foi seguida todos os dias 5 de Agôsto, dia de Nossa Senhora das Neves, todos os anos. Porque a procissão era de noite, partindo da Casa de Santo António os que iam chamavam por onde passavam outros devotos batendo-lhe à porta, ao ferrolho, passou a procissão a chamar-se do «ferrolho». Porque a procissão de noite se prestava a possíveis desacatos, a Câmara continuou a fazer a festa no dia 5 de Agôsto, mas a procissão terminou em 1835.

Em 1633 ainda se lembrava por edital aos funcionários municipais a obrigação de aqui virem sob penas especiais.

Era de ver, virem até aqui os eds no dia de Nossa Senhora das Neves de 1599, descalços e descobertos, após longo trajecto da Sé até êste subúrbio, orarem e comungarem e assistirem com as mais altas dignidades e irmandades à missa da festa, que então foi dita pelo Doutor Lourenço Mourão, Arcebispo da Sé que recebeu as esmolos para a nova edificação.

Ao Evangelho prêgou o padre Frei Manuel da Conceição, prêgador Real, e nessa ocasião o Presidente da Câmara Dom Julianes, ofereceu do seu bôlso uma corôa de prata para Nossa Senhora e duzentos cruzados de oiro.

Nesse mesmo ano, 1599, em 10 de Fevereiro sob o comando do Capitão-Mór D. Jerónimo Coutinho partiram para a Índia 4 naus (S. Roque, N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Paz, Conceição e S. Simão). A peste assolou as tripulações que fizeram voto a Nossa Senhora da Penha de formarem uma Irmandade em que todos se inscreveram com D. Jerónimo por Juiz.

Assim começou a primeira Irmandade chamada de «Fidalgos e Marítimos» que teve compromisso e por êle o Juiz era sempre o Capitão-Mór das Náus da Índia, de lá trazendo no seu regresso em 1600 ricos paramentos. A primeira provisão Real data de 1609.

A despeito de entrarem depois numerosos Irmãos doutras profissões o Juiz continuou a ser por muito tempo o Capitão-Mór.

Em 1600 já aqui havia religiosos de S. Domingos, a mesma ordem que administrava o Santuário de Salamanca, mas em 1601 o padre Frei António da Ressurreição recebia para os eremitas de Santo Agostinho, que primitivamente se tinham instalado no Monte de S. Gens e já então se albergavam no Convento da Graça, esta Ermida.

Houve polémica entre os frades de S. Domingos e os Agostinhos calçados sôbre a posse desta Capela, porém, o prelado e o Papa Clemente VIII decidiram a favor dos Agostinhos, tendo até o Sumo Pontífice publicado em 1605 uma bula para que não pudesse ser construída dentro de três milhas em redor outra Capela ou Igreja da mesma invocação, e que em Portugal e seus Senhorios não pudesse haver outra

Igreja com o título desta, concedendo ao mesmo tempo várias e importantes indulgências aos seus devotos, sobretudo aos que comungassem antes de viagem demorada pelo mar.

Em 1604 lançou-se a primeira pedra para novo edificio, visto o primeiro ser exíguo, cujo risco pertenceu ao architecto Teodósio de Frias e a execução ao mestre pedreiro Adrião João. A isso se refere uma lápide colocada no chão, à entrada da Casa dos Milagres. O provincial da ordem, Frei Cristóvão Côrte-Real, assistido do presidente da Câmara Dom João de Castro, procedeu à cerimónia. Por baixo do côro do lado direito de quem entra há uma lápide attribuindo 1 capela com missa quotidiana e a data 1640 ao Licenciado Cristóvão de Abreu Castelo Branco, promotor do Arcebispado de Lisboa.

A Imagem foi colocada numa tribuna, no altar-mór, tinha uma peanha de prata que sôbre outra de jaspe assentava sôbre uma de mármore.

Para a construção do edificio, largamente concorreu António de Cavide, que foi padroeiro da Capela-Mór e foi Mestre de D. Pedro II e secretário das Mercês de D. Afonso VI e cujo túmulo e de sua mulher, D. Mariana, hoje se encontra na Casa dos Votos.

A procissão para a entrada solene da Imagem, desceu à cidade e foi concorrida e faustosa. Saiu por detrás da Capela em 9 de Fevereiro de 1635, desceu ao Chafariz de Arroios pelo Campo de Santa Bárbara, foi até à Igreja dos Anjos, então na confluência da actual rua do mesmo nome com a Avenida Almirante Reis — voltou ao postigo da Palma para a Rua Nova, foi ao Rocio e pela Rua dos Escudeiros, Douradores e Ourives de Ouro foi à Rua Nova dos Ferros, saíu à Rua da Padaria e pela Porta do Ferro até à Sé, daí pela Rua direita que vai a S. Jorge, a S. Martinho, Limoeiro, S. Tiago, Portas do Sol, S. Tomé, Santo André e saindo pelo Postigo de Nossa Senhora da Graça pelos olivais confinantes até aqui. Trazia ao chegar 200 guiões, 118 cruces, 18 grupos de chameleiros, numerosas dansas. O povo aumentava em ondas de fé e piedade. Era a Lisboa de então, religiosa e crente, que mais uma vez vinha em preces festivas aos pés da sua Protectora.

António Simões faleceu pouco depois da en-

trega da ermida aos Religiosos de Santo Agostinho e foi sepultado em campa rasa aos pés da Virgem sob o altar.

Posteriormente fundou-se a Irmandade dos Escravos de Nossa Senhora da Penha criada em 1702 pelas devotas do Terço de Nossa Senhora, sendo Juiz Mateus Fernandes e Presidente o mui Rev. Padre Frei Agostinho de Santa Mónica, sacristão-mór dêste Convento dos Agostinhos Calçados da Penha de França extra-muros da cidade de Lisboa, Frei José, Sacristão Menor e outros.

O compromisso foi reformado e o Convento ampliado em 1754 sofrendo notáveis restaurações. O exemplar que se vai ver no cartório menciona a aprovação assinada pelo Marquês de Marialva em 25 de Agosto de 1754 como juiz e Frei André da Penha de França como segundo secretário. O exemplar contém a aprovação real de 19 de Julho de 1755. D. José e sua Família são protectores e escravos de Nossa Senhora desde 28 de Novembro de 1753. Desse compromisso constam os direitos dos Irmãos a assistência na doença e na pobreza, na prisão e na morte com missas e suffrágios. Concita à boa harmonia entre todos; prescreve a quotisação de 240 réis por ano até aos 50 anos e 800 réis depois. Estabelece o protocolo das festas, fixa-lhes os orçamentos e estipendia as remunerações aos celebrantes, ao prégador fixava-lhe 6.400—eu hoje mesmo com a moeda desvalorizada nem isso valho!... Exclue as mulheres da eleição da mesa e não permite reeleição a alguns cargos. Parece actual em previsão e conceitos.

Em 1755 tôda a fábrica ruíu e sob ela muitos frades e numerosos devotos. Peceram ao todo cêrca de 300 pessoas, segundo se diz. Entre os mortos refere-se que aqui faleceu ajudando à missa Frei André da Penha de França que assinou o compromisso de 1754. Do templo quási que só escapou a imagem que quási intacta, o sargento António Dias Panão retirou dos escombros, tendo sido colocada na Quinta fronteira denominada do Monte Alperche, onde no miradouro em que esteve se vê ainda um painel de azulejos que ao facto se refere, aí tendo estado até 3 de Julho de 1756, em que foi transferida para a sua nova Igreja. Esta Quinta contorna por traz a Casa



que se atribui a Pero d'Alemquer e que fica na confluência da calçada do Pôço dos Mouros com a travessa do Calado, defronte da igreja do outro lado do largo, onde se vê um elegante chafariz. Diz-se ser no local dessa quinta o solar de António de Cavide. O Santíssimo foi para a demolida capela do Monte Agudo.

Em 1785, devido aos esforços do Marquês de Marialva Dom Pedro de Menezes, à municipalidade régia e aos donativos da tripulação da nau Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro de Alcântara, foi terminada a construção deste Templo e a isso se refere a inscrição da escadaria da entrada. Na casa do Navio ou dos Milagres verão V. Ex.<sup>as</sup> o quadro alusivo a este Milagre e voto e a reprodução da Nau, que, em 1778, sob o comando do capitão de mar e guerra José Santos Ferreira, navegava da Baía para Lisboa, um temporal desmantelou, matando alguns homens da tripulação e os restantes prometeram se são e salvos chegassem à barra de Lisboa, vir, como vieram descalços até aqui oferecendo a Nossa Senhora um mês de sôlido. Desembarcaram em Santos, foram oferecer a vela grande à Nossa Senhora da Bonança de Santos, trazendo para aqui, além da esmola, o traquete e a reprodução da Nau.

Dizem os Monumentos Sacros não haver chapa de autor para gravura de registos das imagens, porém o voto n.º 113 inclui uma gravura em chapa de cobre com 147 por 120 mm. de mancha, assinada Neves F. que segundo um outro voto também existente na Casa dos Milagres foi também autor duma gravura da imagem de Nossa Senhora do Livramento que também aqui se venera. Sob o ponto de vista iconográfico conheço várias litografias, algumas existentes nesta Igreja, duas gravuras, uma delas colorida, na minha colecção e várias fotografuras.

No arquivo da actual Irmandade existe uma chapa de cobre sem assinatura. O nosso erudito consócio Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ernesto Soares, ilustrado historiador da gravura em Portugal, a quem consigno os meus agradecimentos, refere conhecer na Biblioteca Nacional de Lisboa um registo bom de Nossa Senhora da Penha com 162×88 mm. subscripto Barros (Jerónimo Ferreira) inv. Queiroz Sculp; um outro subscripto

Godinho f. (Manuel da Silva) e haver em Belém no Museu Etnológico 9 registos um dos quais assinado Matos f. Com o nome Neves há referidos três gravadores: Francisco da Silva Neves, Ventura da Silva Neves (sobrinho de Carneiro da Silva) e Joaquim Manuel das Neves, do Pôrto. Estou em crer que o gravador dos registos de Nossa Senhora da Penha e de Nossa Senhora do Livramento existentes na Casa dos Votos é o segundo, o Ventura.

A primitiva Igreja do Convento, para cuja construção contribuiu o canteiro Ayres da Cunha e de que foi primeiro capelão Ruy Mendes, tinha sete capelas de cada lado do cruzeiro, a saber: do lado do Evangelho: Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora do Livramento; do lado da Epístola: S. Tomaz de Villanova na Capela do Sacrário e S. João Baptista. No corpo da Igreja do lado do Evangelho: Santa Luzia, Nossa Senhora dos Afligidos e S. José e do lado da Epístola: S. Guilherme e S. Nicolau Tolentino. Existiam três irmandades Nossa Senhora da Penha, cuja festa era em Setembro no primeiro domingo depois de S. Mateus que é a 21, S. João Baptista, Nossa Senhora do Livramento e Nossa Senhora dos Afligidos.

A Igreja sofreu várias restaurações a última das quais em 1903. Após seis anos de obras foi em 5 de Agosto, a Capela reaberta ao público, depois de larga restauração, não só do edifício como das imagens, sendo as obras dirigidas pelo engenheiro Alberto Monteiro. Nela havia telas de Bento Coelho da Silveira, pintor português falecido em 1708.

Esses quadros foram transferidos para a Sacristia e depois para S. Francisco (referem-se: um o Senhor preso à coluna, outro o Senhor da Cana Verde, Cristo na Cruz com Nossa Senhora, Santa Madalena e S. José.) São dessa época o restauro do painel do tecto feito por Pereira Jor. e P. Guedes.

Tem actualmente a Igreja, além da tribuna da Capela-Mór onde a imagem é da primitiva, de madeira, com cerca de cinco palmos de alto no braço esquerdo tem o menino Jesus e no direito um ceptro. É estofada e de elegante aspecto.

As colunas desta Capela são de madeira, assim como as duas imagens laterais de S. Pe-

dro e S. Paulo; por baixo da tribuna fica a imagem de Santo Agostinho, Padroeiro do Convento.

A Igreja é octogonal e as capelas são à direita Santo António e Nossa Senhora do Rosário, que se diz ter vindo da Casa Religiosa de Arroios.— Nossa Senhora da Piedade, S. Sebastião e a Sagrada Família — S. João batizando Cristo no Rio Jordão (advogado das cabeças) ladeado por S. Tomaz de Vilanova e S. Francisco de Assis. Num nicho, sob o arco do cruzeiro, S. Gonçalo de Lagos.

À esquerda, Nossa Senhora do Monte do Carmo e Santa Terezinha — o Coração de Jesus e Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora de Lourdes, onde era o antigo altar de Nossa Senhora dos Afligidos actualmente no camarim do Senhor dos Passos — Nossa Senhora do Livramento ladeada por Santa Rita e Santa Tereza. Num nincho fronteiro ao anterior, S. Nicolau Tolentino.

A Igreja é interiormente tóda revestida de mármore, fazendo-se o acesso por uma larga escadaria onde se vê a lápide descrita e as armas de Santo Agostinho em pedra. À direita da Capela-mór o cartório paroquial e à esquerda a Casa dos Milagres, onde se vêem cêrca de duzentos quadros de Ex-Votos. A seguir a sacristia. Por trás do altar-mór e por baixo da tribuna a capela de Santa Mónica mãe de Santo Agostinho, onde se vêem uma Imagem de S. José e outra de Nossa Senhora e uma pequena Nossa Senhora da Conceição de oratório particular.

Nessa Capela existe uma lápide à entrada, que refere ser o jazigo da Irmandade construído à sua custa e das esmolos dos fiéis e onde só se podem enterrar pessoas que sejam Irmãos, Irmãs ou filhos seus.

Tirada esta lápide entra-se numa casa que ao nível do início da respectiva abóbada mede cinco metros e setenta por três metros e sessenta. O acesso faz-se por uma escadaria de pedra que até êsse nível tem cinco degraus, a casa está entulhada com terra solta até esta altura, vendo-se misturado com ela alguns ossos humanos partidos, bocaios de mármore, tijolos e pedaços de madeira. No tópo tem uma fresta oblíqua para cima que se inicia quási ao nível de fecho da abóbada que deita para o

terreno atrás da Igreja e que por fóra hoje não é visível por o pavimento ter subido até cêrca de 1 metro acima do pavimento da Capela de Santa Mónica, que fica superior a esta casa quási com as mesmas dimensões e de configuração idêntica.

Nesta Capela, bem como na Casa dos Milagres e na Sacristia são de admirar os azulejos policrómicos com as armas de Santo Agostinho, para o que chamo a atenção de V. Ex.<sup>as</sup>. Na sacristia é notável o contador com gavetas para quarenta e cinco amitos, número provável dos clérigos do Convento, um relógio de pesos e uma tela representando a apresentação do Menino Jesus. Existem mais uma Imagem de Nossa Senhora do Bom Despacho e outra de S. Joaquim além dum Cristo, seguramente da primitiva.

Nas paredes laterais, tábuas pintadas com frades da época e uma tábua pintada onde se refere ter o Marquês de Távora, D. Luís, (cujas armas se representam em relêvo) e sua mulher Dona Ignácia, missa perpétua sem vacância.

Por trás do cartório paroquial conserva-se uma pequena Imagem de Nosso Senhor dos Passos, seguramente de oratório particular, que consta ter dado origem à Irmandade do Senhor dos Passos da Conceição Velha, aqui fundada em 1857, transferida em 1863 para a Ermida da Senhora do Monte e em 1872 para a Conceição Velha onde hoje está. Aqui ainda uma Imagem de madeira com relicário certamente da primitiva.

Nas salas aos lados do Còro, azulejos policrómicos sôbre a Vida de Santo Agostinho. Aqui também as pratas: Corôas de Nossa Senhora e Menino Jesus, da primitiva. Corôas, resplandores e Varas de S. João e de Nossa Senhora; 1 lavanda; 2 cálix; 1 custódia oferta de um devoto, João de Deus Vieira (L.<sup>a</sup> 1867); algumas promessas em prata e várias jarras de faiança lisboeta, uma das quais assinada da fábrica do Rato; e outras mais recentes marcadas P. F. (Penha de França) de fabrico lisboeta; 1 manto de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> cujo bordado em ouro é da primitiva.

Deve-se a sua conservação e guarda ao zêlo piedoso do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Coronel Luiz Estelita de Freitas, há muito dedicado Juiz da Irmandade de Nossa Senhora da Penha de França.

No cartório examinarão V. Ex.<sup>as</sup> seis curiosos livros, sendo um o compromisso manuscrito da Irmandade dos Escravos de Nossa Senhora da Penha, reformada em 1754, outro o compromisso do Irmandade de S. João, datado de 1604 — manuscritos com iluminuras em pergaminho — ambos contem as assinaturas do Arcebispo de Lisboa, e mais outros curiosos exemplares: um com as assinaturas das pessoas reais desde D. João V, esta datada de 5 de Maio de 1748, até D. Maria Clementina em 1868 e depois menção de D. Carlota Joaquina até à Infanta D. Maria Francisca, mas sem assinaturas

Neste outro que tem o título «Da Irmandade da S.<sup>a</sup> da Penha de F.<sup>s</sup> de quem são escravos as Augustas Majestades de Portugal e tôda a Casa Real, 1776/1804» referem-se os registos desde D. Mariana R. Mãe até D. Luiz I. O registo de D. João VI tem a data de 1799 e o de D. Miguel I a de 27 de Outubro de 1802.

Em outro livro, parte litografado, parte manuscrito, constam as assinaturas de D. Carlos I, com data de 5 de Abril de 1900, de D. Maria Amélia, com a data de 12 de Maio de 1900, e a de D. Manuel II, com a data de 19 de Janeiro de 1910.

Um volume com uma curiosa descrição de todos os ex-votos existentes na Casa dos Milagres; em admirável caligrafia, quasi litografada o fez o antigo Irmão e lisboeta Sr. Augusto Severino de Castro antigo dono da litografia Castro, que ainda conheci em provecção idade, e que na área desta freguesia numa quinta da Azinhaga da Penha de França residiu e morreu com mais de noventa anos.

Entre os livros de culto são interessantes três missais, um de Lisboa, Tip. Miguel Menezal da Costa, 1760; um da Tip. Régia 1782 e um de Veneza, Nicolau Pezana 1750 e dois outros livros, 1 Processionale Justa Forman, Lisboa, Tip. Régia, 1777 e 1 Cantus Ecclesiasticus, Lisboa, Tip. Augustiniana, de 1750, que tem os ex-libris manuscrito «Penha França».

Nêsta casa como na peanha e nos registos de Nossa Senhora, o Lagarto e a Cobra — o «Lagarto da Penha», oferta possível de algum romeiro de terras do Brasil — o primitivo autêntico e empalhado com 14 palmos de comprimento foi substituído em 1759 por outro de madeira

que deve ter desaparecido em 1755 e sido substituído pelo actual.

A sua origem diz-se ter sido a seguinte: um romeiro vindo de longe teria adormecido no sopé da serra e foi acordado por um grande lagarto milagrosamente aparecido, evitando assim que uma cobra o mordesse. Ao facto se refere um painel de azulejos existente nas trazeiras da Igreja por cima da porta da sacristia. Êste episódio romanceado e com variantes é referido por vários autores, porém o lagarto figura como símbolo de Nossa Senhora da Penha de França. Lagarto, Romeiro, Cobra e primitiva Capela, se vêem na peanha actual feitos em mármore.

A esta Igreja concorriam numerosos e variados círios entre os quais o mais importante era o chamado das Palmelôas, por vir do lugar de Cabanas próximo de Palmela, em resultado de um voto motivado por uma grande peste.

Êste círio chegava no segundo domingo do mês de Outubro, acompanhado de gaitas de foles e tambores, levando um pendão e um nicho com uma Imagem de Nossa Senhora. Era recebido de cruz alçada pela Irmandade e os romeiros entravam de joelhos na Capela-mór.

Na segunda-feira havia missa cantada, retirando-se os romeiros no dia seguinte. Durante a permanência alojavam-se em casas que foram destruídas para a construção do actual Reservatório.

A Imagem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, existente na Igreja, constituiu um legado dum antigo empregado, frade leigo de Santo António dos Capuchos, que juntamente com o rendimento de seiscentos mil reis em inscrições permitia fazer uma festa anual.

Ê costume antigo no dia de S. João ser nesta Igreja benta uma erva com o nome do Santo que os fiéis guardavam com devoção. Com êsse nome é conhecida no país o hipericão de propriedades terapêuticas nas doenças do fígado. Ainda hoje em Lisboa se encontra à venda, originária, segundo se diz, do Gerez.

Do antigo templo foram para a Encarnação os sinos e o relógio; para S. Mamede o Arcaz, e os quadros de Bento Coelho que foram do templo e depois estiveram na sacristia foram para S. Francisco, os paramentos e alfaias dispersaram-se. Restam da primitiva, segundo se

diz, as cordões de prata com pedrarias, de Nossa Senhora e do Menino Jesus. São de ver o guarda-vento de vinhático e as duas conchas em mármore para água benta.

Os actuais quadros que encimam os altares são de Pedro Alexandrino, pintor português (N. 1730, F. 1810).

Das irmandades restam a de Nossa Senhora da Penha que anexou a de S. João Batista, e a recentemente criada do Santíssimo Sacramento coeva da criação da Paróquia. Actualmente a festa do orago é em 5 de Setembro e desde essa data do ano passado que esta Igreja é freguesia, actualmente, sob a direcção do seu antigo capelão e actual pároco o Reverendo Padre Joaquim Marques Rafael, por provisão de S. Em. o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa de 21 de Agosto de 1937.

Ao actual Rev.º Pároco se devem a construção do baptistério e do camarim do Senhor dos Passos, que até há pouco estava na Capela-mór. A área da actual freguesia foi tirada parte às freguesias de Arroios, Anjos e Beato. Estende-se pelo Alto de S. João até Chelas.

## O CONVENTO

Com a extinção das Ordens Religiosas o edificio do antigo Convento passou desde 1834 para a posse do Ministério da Guerra, aloja-se actualmente aqui o Destacamento Mixto da Penha de França do comando ilustre e proficiente do Capitão Sr. Monteiro Liborio.

Este edificio que desde as Invasões francezas alojou acidentalmente tropas foi destinado primitivamente a hospedaria militar (percussora das actuais Messes), visto destinar-se aos officiais das guarnições da provincia que viessem à capital, sem ter onde se alojar, e depois a recolhimento de viuvas de officiais. Nêle se alojaram sucessivamente, artilharia N.º 4 e N.º 1 e Infantaria N.º 12, a primeira em 1820. Depois os Pombais Militares e os Serviços de Transmissões.

Da primitiva existem uma larga cisterna, hoje na posse da Companhia das Águas de Lisboa e que tem a capacidade de 360 metros cúbicos. Sobre ela um claustro com arcaria forrado de azulejos policrómicos, ao centro uma bancada

também forrada de azulejos em que predominam as côres azul, amarelo e branco; ao andar superior ascende-se por uma larga escadaria de mármore, bem lançada, forrada com lambris de azulejo, representando cenas de caça e outras em azul e branco. O corredor superior sobre a arcaria do claustro é também forrado de azulejos azuis e deita para o claustro por largas sacadas recolhidas.

Na sala da tribuna fronteira à descrita na Igreja existem mais azulejos policrómicos representando cenas da vida de Santo Agostinho. É de referir um dos painéis: diz-se ter querido Santo Agostinho explicar os Mistérios de Deus, o quadro representa uma criança deante da figura do Santo transportando numa concha as águas do mar para uma pequena poça feita na areia, perguntando o Santo que loucura estava fazendo, a criança respondeu: mais difficil é explicar os Mistérios de Deus e há Doutores da Igreja que o pretendem. Foi uma revelação para o Santo que desistiu do seu intento.

É notável a actual sala da aula onde se vêem azulejos com cenas da vida de Nossa Senhora: — Anunciação — Apresentação — Casamento, etc. No actual lavatório, possivelmente antiga copa vêem-se lindos azulejos azuis e brancos forrando tôda a casa, que é de abóboda, tendo no centro em cima as armas de Santo Agostinho, aliás repetidas em madeira e mármore em vários locais sobretudo por cima de quasi tôdas as portas das actuais casernas e outras dependências; e um nicho com a Imagem em azulejo da Padroeira, alumada sempre devido à piedade dos actuais habitantes.

Os «Amigos de Lisboa» verão nesta visita não só as velharias que restam da primitiva serventia dêste edificio, graças a Deus conservadas, mas também o que há de novo em moderno e pouco visto. Quero referir-me à mística — passe o termo — desta casa na sua nova e última applicação. Verão o que, se isso não fôsse inflingir os regulamentos militares, eu classificaría «a Família Militar da Penha de França» que no seu Comandante tem o chefe exemplar e austero, amigo e solícito, que dá o pão e o ensino.

O soldado aqui é soldado e Homem educado na escola do amor da Pátria, da Lealdade e do Dever. Entram recrutas, os que V. Ex.<sup>as</sup> vêem

com poucos dias de quartel, fazem-se Soldados com S grande e saem Homens e cidadãos, conscientes do seu valor e dos seus direitos. Eu vi-os em Maio último e posso afirmá-lo, embora não seja preciso porque a tradição desta casa já o consigna.

Aqui, honra-se a Família, cultiva-se o Amor da Pátria, aviva-se a noção da Disciplina e do Dever, não se descursa nem a higiene do corpo, nem a do espírito, por vezes até com requintes de gosto, de carinho na objectivação e que a despeito da amabilidade do Sr. Comandante a sua modestia quasi me queria impedir de referir.

O soldado tem além da aula de instrução primária, instrução militar e desportiva, com aproveitamento tal que tem levado a unidade a obter os melhores trofeus nas competições a que concorre. Usufruem uma sala própria, «a sala do soldado» com biblioteca privativa, jogos e telefonia; um bar com cujos lucros a unidade distribui gratuitamente: elixir para os dentes, a respectiva escova e sabão. Teem barbearia e aprendem as boas maneiras de falar, vestir e comer. Assisti a um jantar em Maio último e em correcção de porte dos convivas podia fazer inveja em muito bons jantares de categoria.

Há uma nota que não quero esquecer, pelo primeiro de Dezembro o Comando faz festa e oferece a cada soldado um postal da edição do Secretariado de Propaganda Nacional que incute no ânimo do soldado a noção exacta de que «Portugal não é um País pequeno», pelo Natal há ceia e recebem um retrato do Chefe do Estado que juraram defender. Recebem-nos com tanto carinho que todos os mandam «envidrar», é o termo usado pelos soldados ao acto de emoldurar.

Quando baixam aos hospitais, um official visita-os aos sábados e leva-lhes cigarros, fósforos e sabão e uma folha de papel timbrado da sala do soldado e um envelope selado para escreverem à família. A unidade substitui no possível e eventualmente a Família e os seus cuidados, mas não se lhe antepõe. Aqui serve-se com gosto e sai-se com pena, há frequentes readmissões. Eu ouvi e vi cartas quasi de comover de antigas praças ao seu Comandante.

Se há pouco reivindiquei a honra de falar num templo eu que não sou sacerdote reinvin-

dico aqui outra honra, a de falar num quartel, Templo da Religião e do Amor da Pátria, onde tão alto se cultivam as nobres virtudes, embora não seja soldado, quasi invejando os que o são — aqui.

## O MIRADOURO

A seguir passaremos aos terraços e de lá ao miradouro sobre o depósito recentemente construído pela Companhia das Águas no local onde existiam as casas anexas à Igreja, onde se alojavam os romeiros do Círio das Palme-lôas. O depósito foi começado a construir em 1929, terminado em 1932, é construído em cimento e obra de operários portugueses. Tem a capacidade de seiscentos metros cúbicos e a sua função é sobretudo a de manter a pressão para a elevação das águas aos sítios mais altos da cidade, visto estar construído na cota mais alta da cidade.

É interessante referir que o consumo da cidade chega a ser de 75.000 m<sup>3</sup> por dia o que dá uma média de cem litros diários por habitante.

A vista é deslumbrante deste local, as sete colinas da cidade, os arredores e o rio enquadrando este quadro encantador que é a nossa terra, os plainos ubérrimos que são os seus arredores e em local nenhum melhor do que aqui, abarcando em trezentos e sessenta graus a circunferência da cidade e os seus subúrbios se pode dizer com absoluta propriedade: «Quem não viu Lisboa não viu coisa boa».

Disse há pouco que tinha honra em falar num templo sem ser sacerdote e neste quartel sem ser soldado, afinal eu tenho de ser alguma coisa, sou Médico, e sê-lo na plenitude da sua acção e eficiência é ser isso tudo e até também proletário que sem horário de trabalho é sacerdote em missão permanente de isenção e sacrifício e soldado em luta contínua sem tréguas de paz e sempre de prevenção, excepto é claro neste momento em que as obrigações de «Amigo de Lisboa» me fêz prégador mau e felizmente adventício.

Muito obrigado por me terem ouvido e perdõem-me ter conturbado com a minha palavra descolorida os vossos pensamentos; místicos na evocação dos milagres da Santa Virgem



## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 — Agiologio. Jorge Cardoso.
  - 2 — *Aguia na Penha* — Frei Carlos Melo, Prior do Convento, Lisboa, 1707, tem uma gravura assinada C. B.
  - 3 — *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museu Municipais* — Ano VI, N.º 11, 1934, pág. 16-33. Penha de França pág. 32 Reprodução de: *Relaçam em que se trata e faz hua breve deferição dos arredores mais chegados á cidade de Lisboa e seus arrabaldes, das partes notaveis, Igrejas, Hermidas e Conventos que tem, começando logo da barra, vindo correndo por toda a praia até Enxobregas e dali pela parte de cima até S Bento-o-Novo*, Lx.ª 1625. Publicado pelo Ex.ª Sr. Eng.ª A. Vieira da Silva.
  - 4 — *Arquivo Pitoresco* — vol. VI, 1863, pág. 69-71. Artigo «Convento e Igreja de Nossa Senhora da Penha de França» por I. de Vilhena Barbosa, com uma gravura de B. Lima Coelho.
  - 5 — *Chorographia Portuguesa*. Carvalho da Costa.
  - 6 — «Diário de Notícias», Setembro. 1937.
  - 7 — *Dicionário de Gravadores*. Ernesto Soares. Tomo I. Lx.ª, 1937.
  - 8 — *Elementos para a História do Município de Lisboa por Eduardo Freire de Oliveira, primeira parte, tomo IX, Lisboa 1896, pág. 311* — assento da vereação de 7 de Agosto de 1695.  
*Nota.* — Este assento esteve afixado nas portas da Almotaçaria e na Rua Nova. 15 — Agosto — 1695 — Rebelo.
  - 9 — *Guia de Portugal*. Raul Proença 1.º volume. Lisboa, 1924. Pág. 292 (Por lapso refere-se ao *Senhor da Penha* quando evidentemente é *Nossa Senhora*).
  - 10 — *Guia de Portugal Artístico*. Lisboa, 1935. Tomo I. Volume 1.
  - 11 — *História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*. Alfredo Pimentel. Lisboa, 1899
  - 12 — *Lisboa Antiga*. Júlio Castilho. Reedição da C. M. L. sob a Direcção de A. Vieira da Silva. Lx.ª, 1955-58.
  - 13 — *Lisboa Antiga e Moderna* — Angelina Vidal. 1901. Lisboa.
  - 14 — *Lisboa Ilustrada*. Alfredo Mesquita. Lx.ª
  - 15 — *Manual do Viajante em Portugal*. L. de Mendonça e Costa. 6.ª ed. Lx.ª, 1930.
  - 16 — *Mapa de Portugal*. João Batista de Castro. Lisboa. 1747.
  - 17 — *Monumentos Sacros de Lisboa*. Gonzaga Pereira.
  - 18 — *Monumentos Sacros de Lisboa*, Sebastião J. Baçam. Lisboa, 1910.
  - 19 — *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*. J. A. Graça Barreto.
  - 20 — *Notícia histórica da veneranda Imagem de Nossa Senhora da Penha de França* — oferecida à sua Real Irmandade por um devoto da mesma Senhora. Fernando A. J. d'Araujo — Lisboa, 1892 (Folh. 15 pág.).
  - 21 — *Portugal Antigo e Moderno*. Pinho Leal. Tomo 4. Lx.ª, 1874.
  - 22 — «*Renascença*», Ano VII. T. 152. 15-7-937. Lisboa. (Painéis de Azulejos de N.ª S.ª da Penha de França. Por Luiz Chaves).
  - 23 — *Ruas de Lisboa*. J. J. Gomes de Brito. Lisboa, 1935. (Reedição revista pelo Dr. António Baião).
  - 24 — *Santuário Mariano. Frei Agostinho de S. Maria*. Lisboa. 1935 2.ª edição. Miscelânea. 1.º Livro.
  - 25 — «*O Século*» — 5 d'Agosto de 1905.
  - 26 — *Subsídios para a História Militar e Marítima da Índia (1585-1605)*. Vol. I. Alfredo Botelho de Sousa. Lisboa, 1930.
- Nota.* — Barbosa Machado na Biblioteca Luzitana refere os seguintes manuscritos que foram do Convento da Graça :
- a) *Relação do princípio que teve a Nova Casa da Senhora da Penha de França fóra dos muros de Lisboa*. Frei Manuel da Conceição.
  - b) *Tratado da Fundação do Convento da Penha de França*. (Non. 2 Cor. 1). Frei António da Natividade.
- (Não os consegui consultar. Não estão na B. Nacional de Lisboa).



# As pinturas do Menino Deus, os temas e os seus autores

por CRUZ CERQUEIRA

O templo do Menino Deus, edificado em princípios do século XVIII, vai em restauro, num restauro lento, que na parte architectonica não é de vulto pois que não houve senão que desinfiltrar paredes, limpar a bellissima pedraria — de mármore sobretudo — e caiar e rebocar algumas dependências.

Quanto às pinturas é que o restauro é mais importante. Algumas necessitam de cuidadoso, proficiente e completo restauro. Já alguma coisa fez o distinto pintor Bemvindo Ceia conseguindo fazer aparecer o assunto dum dos paineis maiores. Este restauro do famoso templo dos terceiros xabreganos já deu algumas notícias e artigos de jornais. Porém o assunto principal do restauro — o das pinturas — mal foi tratado.

Vem portanto a talho de foice dizer dos paineis e do tecto da curiosa igreja do Menino Deus referindo o que lá havia e ainda há, quais os temas dos quadros, e destrinchando as suas autorias.

Não é muito difficil indagar e repôr a verdade. Muitas vezes em História de Arte o assunto demanda apenas atenção e lógica. É questão de leitura atenta e de deduzir os factos.

Este é o caso das pinturas da oitavada igreja franciscana, cujo architecto delineante não me proponho agora destrinçar.

Na igreja do Menino Deus havia, além das pinturas do tecto, onze paineis e nas dependências encontravam-se outros quadros, entre os quais um famoso *Santo Cristo* de José da Costa Negreiros, com celebridade mais decerto pela devoção do que pelos créditos do pintor.

No Menino Deus à magnificência dos mármore e embutidos das paredes juntava-se o efeito das pinturas dos retábulos dos altares, doutros quadros nas paredes e do vasto tecto.

O altar-mór tinha retábulo que é bem de ver seria o pano de tribuna. Lateralmente, na capela-mór, ainda existem dois grandes paineis, oblongos mas de formato irregular, um dos quais necessita de grande restauro porque as

infiltrações da parede o deterioraram de tal maneira que mal se percebiam as tintas.

No corpo da igreja cada um dos oito altares tinha o seu retábulo. Não existem hoje todos: falta um, decerto retirado para dar cabimento aos acessórios religiosos que colocaram nesse altar, há perto dum século, ao mudar-se para o templo terceiro xabregano a Confraria do Menino Jesus do Penedo, saída da extinta paróquia de S. Tomé.

Desta feita deve ser também o vandalismo de rasgar um dos retábulos para entronisar noutro altar o sacrário do Santíssimo.

Mais de vandalismos, do que do tempo, se ressentente o curioso templo em cujas obras superintenderam alguns dos mais notáveis architectos da época: Ludovice e Custódio Vieira, designadamente.

A acrescentar aos estragos feitos durante o culto lá exercido nos últimos cem anos, sobrevieram, após a lei da Separação, a retirada de pertences — a Irmandade do Menino Jesus do Penedo transferiu-se para a Graça — e o leilão de diversas peças lá existentes.

Foi então que de lá saiu a maior parte das imagens. Poucas ficaram na igreja do Menino Deus. No entanto ainda se encontram na capela-mór *S. Francisco* e *S. Domingos*, duas excellentes esculturas em mármore, decerto obra da escola de Mafra.

Apesar de tudo houve o critério de deixar lá ficar nos altares os paineis dos retábulos e o que intrinsicamente era de conservar.

Preste-se esta homenagem entre o côro de responsabilidades atribuídas aos executores da lei.

. . .

Quais as pinturas que existiram e ainda existem no curiosissimo templo, construído num classicismo em que superabundam elementos do século XVII? Os seus autores?



Os onze painéis da igreja do Menino Deus cabem a artistas com manifestas afinidades, o que permite erradas atribuições.

Tem-se tido como certo, e dizem-no de modo geral os modernos críticos e historiadores, que êstes painéis do Menino Deus cabem a Vieira Lusitano, André Gonçalves e Inácio de Oliveira. É uma meia verdade. A participação, porém, é mais vasta.

Vieira Lusitano deve ter superintendido de maneira geral na pintura dos retábulos já que Cunha Taborda e Cirilo Volkmar Machado, historiadores de arte, e outros cronistas da época mencionam que a êle se devem os desenhos dos quadros. De resto, Inácio de Oliveira Bernardes colaborou freqüentemente com Vieira Lusitano, e com êste muito mais ainda André Gonçalves, seu amigo íntimo.

Contudo, outro pintor, hoje quasi desconhecido, ajudante então de Vieira, lá trabalhou. Foi o espanhol André Rubira que aquele trouxe de Sevilha em 1733 ao regressar da temporada feita na capital andaluza após interromper a sua nova viagem com destino a Roma.

André Rubira parece ser bom artista, pois que não só «ajudou» Vieira, como «fez» alguns quadros na afirmação de Cirilo.

Há que destrinçar a parte que a cada um dêstes pintores cabe e referir as pinturas.

Cirilo conta que Vieira Lusitano, a quem «alguns pintores ajudaram por vezes a pintar os seus painéis» (*Mem.* 2.<sup>a</sup> ed. pag. 81), pintou o grande painel de S. Francisco despojado dos hábitos seculares que está no Menino Deus (*m* pág.<sup>as</sup>).

Por sua vez, o seu ajudante André Rubira — é ainda Cirilo que o Diz — «fez o S. José, e o transito de S. Francisco para o Menino Deus» (*oh. cit.*, pag. 83).

A Cirilo, a Taborda, Gonzaga Pereira e outros escritores do princípio do século passado devemos a notícia de lá haverem pintado também André Gonçalves e Inácio de Oliveira Bernardes, não só como architecto e pintor de figura e perspectiva.

Inácio de Oliveira pintou dois quadros. Di-lo Gonzaga Pereira (*Monumentos Sacros* Lx. 1927, pág. 350), que erradamente os situa a ambos nas paredes laterais da capela-mór. E um dêles, no dizer de Taborda e Cirilo, era o

hoje deparado, *S. Francisco recebendo as chagas* o que levará a pensar se seria réplica do da sacristia de Mafra. «Estava no altar-mór da Igreja do Menino Deus» afirma Taborda (*Regras*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 250).

O outro painel de Inácio de Oliveira não estava na capela-mór e deve ser *Santa Clara*, como se verá.

As paredes laterais da capela-mór são adornadas na maior parte dos seus panos por dois grandes quadros. Um dêstes, apesar de se encontrar muito sujo, deixa ver o assunto, que pela composição, complexidade, número de figuras, etc. tem, no entanto, originado confusões.

E o outro é o painel que Bemvindo Ceia começou a restaurar.

Mau grado as referências de próprios eclesiásticos nenhum deles diz respeito a Santo Agostinho.

Como poderia Santo Agostinho servir de tema importante num templo franciscano?

É tolice, pois, referir-se que qualquer deles represente a conversão de Santo Agostinho, como se supoz. De resto, examinada a composição do painel da parede do lado do Evangelho e que se encontra apenas sujo, não é difícil perceber-se que se trata de S. Francisco abandonando o mundo profano para se entregar à vida religiosa.

É o quadro *S. Francisco despojado dos hábitos seculares* pintado por Vieira Lusitano, conforme relata Cirilo. O outro, o do lado da Epistola e que se acha ainda em lastimoso estado, se bem que Bemvindo Ceia tenha já feito alguma coisa, deve ser um dos quadros de André Rubira, e como dos dois que êste pintou para o Menino Deus aparece o S. José num dos altares do corpo da igreja e os retábulos restantes se identificam, teremos que será o *Transito de S. Francisco*, assinalado por Cirilo como obra do pintor espanhol ajudante de Vieira.

E assim o *S. Francisco despojado dos hábitos seculares*, representando o início da vida monástica do santo, defronta o *Transito de S. Francisco*, remate da sua existência neste mundo terreno. Conjugam-se. Representam os dois marcos fronteiros da vida do Santo. E com êstes se conjuga também o tema do desaparecido painel da tribuna.

Os três factos — despôjo das vestes seculares, imposição dos estigmas e morte do santo — são com tóda a razão os acontecimentos de maior monta na vida do Patriarca de Assis.

Está certo, é lógico, não podem estes deixar de ser os temas dos quadros primaciais do templo franciscano.

Os retábulos dos outros altares:

Rubira, na afirmação de Cirilo, pintou outro quadro: o *S. José*. E ainda lá existe do lado da Epístola, no 2.º altar, entrada a porta principal.

Como a maior parte dos painéis do corpo da igreja, conserva-se em razoável estado e é apreciável composição.

A André Gonçalves cabem seis dos retábulos dos oito altares laterais.

Cirilo não refere quais sejam, mas Taborda descremina-os: «... os da parte do Evangelho, o de Santa Isabel Rainha de Portugal, Santo António e Assunção da Senhora. Da parte da Epístola, S. Miguel, Santa Ana, e S. Francisco» (*oh. cit.* pág. 246 e 247).

Excepto o *Santo António* desaparecido e naturalmente retirado para colocar, há um século, no altar o Menino Jesus do Penedo, ainda lá estão cinco dos quadros de André Gonçalves e encontram-se pela ordem indicada por Taborda.

Entre o *S. Miguel* e a *Santa Ana* fica o altar que tem por retabulo o *S. José* de Rubira. E correspondendo, na outra extremidade, da parte do Evangelho — ainda é a distribuição dos quadros de André Gonçalves indicada por Taborda — acha-se *Santa Clara*, uma das figuras primaciais da ordem franciscana.

Será, decerto, este painel de *Santa Clara* o outro quadro que, na afirmação de Gonzaga Pereira, no Menino Deus tem Inácio de Oliveira.

É quadro da época, e não se afasta da escola de então, das mesmas influências italianas de Vieira Lusitano a quem coadjuvou várias vezes Inácio de Oliveira, o qual, como aquele, esteve pensionado em Itália e foi discípulo de Lutti.

Desta feita temos que a distribuição dos retábulos nos altares do corpo da igreja, descendo da capela-mór, é assim: do lado da Epístola — *S. Francisco* e *Santa Ana* de André Gonçalves, *S. José* de Rubira e o *S. Miguel* daquelle, e da parte do Evangelho — *Assunção da Virgem*, também de André Gonçalves, a que se seguia o *Santo António* desaparecido, e

*Rainha Santa Isabel* ambos do mesmo pintor, e *Santa Clara* que deve ser afinal o segundo quadro que Gonzaga Pereira dá na Igreja do Menino Deus a Inácio de Oliveira, e de resto será lógico supô-lo. Resta falar do tecto.

Cirilo refere-se várias vezes ao tecto da igreja do Menino Deus. Na biografia dos Seras diz que Manuel Ferreira, panegirista de Vitorino Serra, o moço, o atribue a este, mas que José António Narciso e Pedro Alexandrino lhe afirmavam ser de João Nunes Abreu, o *Castelo* (*obr. cit.* pag. 147). E ao tratar deste último artista, Cirilo refere lacônicamente que João Nunes de Abreu «pintou o tecto do Menino Deus». (pág. 145 e 146).

O assunto presta-se assim a confusões.

Contudo Cirilo levanta um pouco o veu ao tratar (pág. 76) do pintor Jerónimo da Silva referindo serem deste «o grande quadro e as virtudes do tecto do Menino Deus».

Por sua vez Taborda (*Regras*, 2.ª ed. pág. 245) ao biografar Vitorino Serra afirma: «Seu he tambem o risco e desenho, que ajudou a pôr em execução, do tecto da igreja do Menino Deus...»

Sabe-se, de resto, das participações sobretudo dos artistas encarregados de pinturas de perspectivas entre nós no século XVIII. Frequentemente tectos e outras pinturas decorativas eram de execução de pinceis diversos, dividiam-se os trabalhos designadamente por especialistas. Ora João Nunes de Abreu, «chamado vulgarmente do Castelo», era um pintor especializado em perspectivas e ornatos.

«...o seu forte foi a perspectiva, e ornatos», afirma Cirilo (*obr. cit.* pág. 145).

Se a Jerónimo da Silva cabem «o grande quadro e as virtudes», isto é a composição das figuras, e a Vitorino Serra o risco e desenho, é de crer que a colaboração de João Nunes de Abreu, referida por Cirilo e testemunhada por José António Narciso e Pedro Alexandrino, se cingiu a ornatos e perspectivas. Era, de resto, como se viu, a especialidade da João Nunes de Abreu.

É de concluir portanto que «o risco e desenho» são de Vitorino Serra, que também ajudou parte da execução, e que a Jerónimo da Silva cabem «o grande quadro e as virtudes» e a João Nunes de Abreu os ornatos e perspectivas.

# Leica

a máquina fotográfica  
da actualidade

AGENTES EXCLUSIVOS:

A. CABRAL, L.<sup>DA</sup>  
LISBOA

R. da TRINDADE, 5, 2° D.



CASA  
ATLANTICA  
DE  
VIAGENS

J RAMOS COELHO

RUA CAPELO, 8  
(FRENTE AO GOVÊRNO CIVIL)

TELEFONE 2 9471 LISBOA

*Referências comerciais:*

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

*Representante no Brasil:*

S. PAULO E RIO DE JANEIRO

QUANDO tiver necessidade de embarcar para qualquer país, dirija-se a esta casa onde encontrará tôdas as facilidades para obter passaporte.

Prestamos tôdas as informações por escrito ou pelo telefone.

VALADOIL  
O MAIS PODEROSO LUBRIFICANTE

Num automóvel, numa camionete ou num camião, empregando-se os lubrificantes «VALADOIL» há a certeza de se defender a vida dos motores, pois tôdas as peças ficam revestidas daqueles componentes que neutralizando-as, impedem o seu

desgaste e lhes dão o máximo de duração

VALADAS, LDA.

*Sede em Lisboa*

ARMAZEM — NA SUA PROPRIEDADE  
27, 26, Calçada do Marquês de Abrantes, 31  
66, 70, Avenida Presidente Wilson, 73

*Filiais: PORTO*

Rua Mouzinho da Silveira, 73, 75 e 77 — Telefone 739  
COVILHÃ

Rua Visconde da Coriscada, 31 e 33 — Telefone 103

acaba de ser posto à venda o 2.º volume de

# LISBOA DE OUTRORA

obra póstuma de JOÃO PINTO DE CARVALHO  
(TINOP), erudito investigador, brilhante cronista e  
sócio fundador do Grupo AMIGOS DE LISBOA

NESTE VOLUME TRATA O  
AUTOR DOS ASSUNTOS:  
O CARNAVAL LISBOETA; DAS  
MODISTAS E CABELEIREIROS  
DE NOMEADA QUE HOUE EM  
LISBOA; DA CÉLEBRE CON-  
DESSA DA EGA; DO GRANDE  
JORNALISTA TEIXEIRA DE  
VASCONCELOS; DAS ACTRI-  
ZES CANTORAS CATALANI E  
ROSA FIORINI; DE D. JOÃO VI  
NA INTIMIDADE; DE CAMILO,  
DE VIEIRA DE CASTRO E DE  
GARRETT; DO TEMPO DE  
COSTA CABRAL E DAS AS-  
SEMBLEIAS, ACADEMIAS E  
CLUBES, ETC., ETC. ooooooooo

FOI POSTO À VENDA NAS LI-  
VRARIAS O NOVO TRABALHO  
DE LUIZ PASTOR DE MACEDO

## A BAIXA POMBALINA

CONFERÊNCIA proferida pelo autor em  
17 de Julho último no Largo de Santa Justa

Preços para os sócios do Grupo  
AMIGOS DE LISBOA

Edição vulgar ..... 5,000  
Edição especial ..... 8,000

PREÇOS PARA O PÚBLICO

Edição vulgar ..... 7,500  
Edição especial ..... 12,000

A edição especial é toda numerada  
e rubricada pelo autor

PARA TAPETES, PASSADEI-  
RAS E ALCATIFAS HÁ EM  
LISBOA UMA CASA  
ESPECIALIZADA

## QUINTÃO

32, Rua Ivens, 32 LISBOA

JÁ ESTÁ  
PUBLICADO O VOLUME 5.º

DE  
PEREGRINAÇÕES  
EM LISBOA

# CRÓNICA

por LUIZ MOITA

DA minha varanda, debruçado sôbre os bairros da nossa Capital, sobretudo os bairros populares, vejo hoje um senão que desvirtua o pitoresco da sua vida modesta. Venho comunicá-lo aos homens bons, «Amigos de Lisboa», às suas mulheres, para que todos meditem um pouco em mais êste defeito citadino e procurem, se isso lhes fôr possível, ajudar a resolvê-lo.

Lisboa é a minha cidade porque nela nasci. Não sou um convidado que, tendo-se sentido bem depois da hora protocolar da visita, se fosse deixando ficar, confundido com os donos da casa. Nada disso. Sou lisboeta acabado, nascido, creado e vivido na cidade à beira mar... Revelada, um dia, a beleza dos seus accidentes, a graça do seu movimento, a côr e a luz, admiráveis, do seu conjunto,—tenho por um dos maiores prazeres mostrar a minha cidade a quantos a venham ver, iniciando êses no conhecimento de secretos pormenores ou na página erudita, ou histórica, reveladora da total beleza dum monumento, ou palácio, ou belo quadro...

«Fazer o cícero», eis um esforço de que resulta inestimável vantagem. Aos nossos olhos a coisa grata, e conhecida, como que surge, de cada vez, pela vez primeira... Dir-se-fa que o deslumbramento do visitante o sentimos nós, ainda mais intensamente, no instante de lha apontarmos... O entusiasmo que os seus olhos desprevenidos denunciam, é vibração que os nossos tomam por contacto... Certo, porém, é que, sendo nossa a erudição que explica e o hábito de ver as coisas que fazemos notar, nosso é também o melhor quinhão de emoção e de contentamento.

No entanto nem sempre é assim. Lembro-me de há anos ter acompanhado nas visitas através da nossa capital um nórdico cujo maior prazer era deixar lambe-se pela luz do sol dos nossos bairros. O seu «kodak» fixava então, a

torto e a direito, quanto por essas ruas tinha, perante a sua concepção estranha da vida citadina, um pitoresco que os meus olhos, habituados, *ainda* não viam... As reacções fotográficas dêsse sueco, que breve partia para a sua vida distante, foram-me reveladas quando, tempos depois, me mandou a colecção dos seus trabalhos de Lisboa... Pela primeira vez eu vi o curioso sabor, o pitoresco encanto, da roupa estendida ao sol pelas janelas dos nossos bairros pobres, isso que imprime a certas ruas de Lisboa o cunho marcado dos povos do sul, sujeitos, pela mesma vida parcimoniosa e simples, a uma feição primitiva, ainda não possuída dos métodos que são já hoje apanágio doutros aglomerados europeus. Tais fotografias foram para mim uma revelação. Eu, que conhecera o entusiasmo do sueco pelos encantos de Lisboa, não me detive na suspeita de que tais documentos exprimissem, nas suas mãos, uma censura à vida simples desta capital. Aquilo era a sua homenagem, desprerenciosa e ingénua, perante o que o surpreendera e a que ficara ligado por muita recordação.

No entanto, atraz dêsses pendões de roupa branca, suspensos dos andares, por essas ruas pobres de Lisboa, existem problemas que até hoje tem aguardado a necessária solução. Dentro das casas de cujas janelas surge o fotografável pitoresco há vidas cujas vozes soam baixinho, num dictirambo sussurante e envergonhado, perceptível só de ouvidos que queiram ouvir. Aí reside a face oposta da beleza que a nossa despreocupação fôra escolher para seu deleite. E se a nossa vontade, feita boa vontade, quizer efectivamente perscutar e descobrir, não tem, apenas, que afastar os estendais de roupa, pendentes das casas da Madragôa e de Alfama, para ver os pequeninos dramas. A mesma rua, nos bairros pobres, é teatro de muita cena reprovável, de muito pormenor defeituoso da nossa vida social. Quem fôr verda-

deiramente «Amigo de Lisboa» terá pena de não ver a beleza de Lisboa sem senão.

Eu tenho a miséria, principalmente, como sintoma de desordem. Se a vida social existe, e se existe para substituir por sistemas os múltiplos esforços individuais, não parece justo, nem vantajoso para ninguém, que se deixem fora da máquina social os casos da miséria, que os miseráveis, justamente porque o são, não podem solucionar.

Hoje, que se caminha com passo firme para resolver tanto problema que parecia de natureza insolúvel, é já lícito descermos ao pormenor destes casos da rua de Lisboa. Vivemos um momento político que se caracteriza por pôr em dia, em face das outras nações, quanto na vida nacional permanecia indolentemente atrasado. O mesmo Grupo «Amigos de Lisboa» foi creado neste ambiente de iniciativas, de que, embora em curso independente, é parte muito honrosa. Não fica mal ao Grupo, portanto, aproximar a sua colectividade, os seus ilustríssimos componentes, de certos casos que ainda não foram vistos, ou tratados, e que respeitam a economia dos bairros de Lisboa.

No ano passado tive ocasião de calcurrear, entre outras cidades estrangeiras, Paris, Bruxelas e Londres. Percorri em Paris muitos dos seus bairros, mesmo os bairros populares, onde a vida local tem um à vontade peculiar. Por toda a parte estranhei a falta de creanças. E não foi a impressão tão ligeira que, num almoço que tive a honra de aceitar no «chateau» duma velha dama francesa, perto de Chartres, inquirido vivamente por algumas senhoras sobre as minhas impressões da capital da França, — eu lhes não dissesse da minha admiração pela ausência de garotos em Paris, a não ser pela manhã à volta do pequeno lago do Jardim do Luxemburgo, junto de suas mães, ou nos domingos à tarde, nas Tulherias, brincando também no lago, com seus barquitos à vela... Faltou-me acrescentar que, em compensação, vi pelas ruas senhoras com seus tótós, frescas e contentes, denunciando propositada deturpação do amor maternal...

A explicação do facto tive-a a seguir quando fui informado da existência de creches por tô-

da a parte. O andarem creanças pelas ruas em liberdade absoluta era ali, em França, considerado dos mais altos inconvenientes para a Nação, portanto para todos. Daí a utilização de inúmeras creches, nos bairros populares, aonde pais e mães as entregam durante o dia de trabalho. Daí a ausência de creanças nas ruas de Paris, onde a intensidade do trânsito constituiria, depois dos copiosos perigos morais, comuns a todos os caracteres em formação, uma constante ameaça para as vidas de tanto pequenino ser.

Porque não existem ainda creches em todos os bairros pobres de Lisboa? Campos de concentração de tanto menor abandonado à gandaia, enquanto pais e mães mourejam os cobres reduzidos do seu ganha-pão diário?

É freqüente ver, por essa cidade além, rapazes e raparigas em bandos, muitos garotos de três, de cinco anos, vestidos apenas, nos meses de verão, com pobre e curta camisita que tapa incompletamente os seus corpos mal alimentados. Sujos, comendo o pão das esmolas, isentos de cuidados e carinhos, brincam gritando uns com os outros, tendo logo da vida, assim, uma ideia de agressão, de violência e conflito, trabalhando os sentimentos egoístas e menos generosos com uma intensidade tal que toda a ideia construtiva dum carácter equilibrado, porventura ainda mais tarde, de qualquer lado, será esforço ou tentativa inútil, pois tais caracteres já formaram o seu alicerce nessa competição violenta da rua. Tal competição lhes fornecerá, definitivamente, o quilate da vida social, aonde é preciso ser dextro em mentir, bater, roubar, insultar, jogar a pedrada, cultivar a traição...

Uma das características da vida popular de Lisboa eram, há pouco ainda, os pregões, muitos deles já amorosamente recolhidos em cacioneiros e, quem sabe se possíveis temas, amanhã, para uma escola portuguesa de música, que ainda não existe. Esse valor da vida popular que foi de ontem, já hoje quasi não é. A curva melódica, por vezes engenhosa e extensa, de tanto pregão que ouvi quando garoto, desapareceu da vida da nossa capital plantada à beira mar... Hoje os pregões são cansados e curtos, indiferentes pela melodia agradável

que, ontem ainda, era o indício saudável duma publicidade firme. Não esqueço a voz tristíssima de certa peixeira que percorre o meu bairro, rclamando em grito exausto, sem adjectivos, o peixe que trás na canastra... Ao colo de onde lhe pende um selo sêco, traz ela um filhito de um ano, uma creança que nasceu infeliz e ali vai, mal cheirosa ao peixe do vapor, recebendo a poeira das ruas, o calor do verão ou o frio do inverno, todo o acidente dum dia de venda, após o qual a peixeira, sua mãe, regressará a casa sem ter tido durante o dia a mais pequena compensação do seu amor materno, quantas vezes até com o seu filhinho doente, por falta de resistência à infausta jornada?

Esta peixeira, que eu não vejo nunca sem um imediato constrangimento, personifica para mim a culpa de todos nós quanto à ausência de creches e jardins de creanças em todos os bairros de Lisboa. É certo que há, aqui e ali, um ou outro cuidado ou iniciativa donde tem resultado, sobretudo no verão, uma protecção efectiva à infância. Contou-se êste ano por cima de uma dezena de milhar o número de creanças de Lisboa que usufruíram férias nos campos e nas praias. Nada d'isto existia, de forma tão eficiente, há uma dúzia de anos.

Mas não basta. As creches e os jardins de creanças nos bairros de Lisboa, nos bairros pobres donde saiem para a labuta diária ope-

rários e vendedores ambulantes, são uma necessidade cada vez mais imperiosa. Enquanto dos braços daquela peixeira esfalfada, que calcurria ruas e ruas em busca de parcimonioso ganho, não sair o petiz enfesado que lhe estorva o penoso trabalho, a obra de protecção à creança não atingiu o sistema conducente a uma acção total. E não se diga que o Estado é quem tal deve fazer, ou pelo menos tudo fazer. Aos ricos pertence o papel da beneficência, como aos pobres sem remissa o direito de esperar dêles quanto lhes falta. No caso presente trata-se de creanças, de creanças de Lisboa, de creanças portuguesas, que tem também direito a um lugar ao sol, a um carinho, a um vestido, a uma tijela de caldo. Não julgo impossível descobrir em cada bairro popular de Lisboa um palácio velho, abandonado ou quási, onde possa iniciar-se a obra, sem despesas de burocracia, mas com o auxílio e a assistência, por turnos e por escala, das senhoras que nesses mesmos bairros vivem uma vida melhor, junto de filhos mais felizes, alheias às dificuldades monetárias ou à inconsciência e miséria daqueles pais cuja prole é compelida, por tantas causas, ao acidente das ruas.

Minhas Senhoras! Está tanta coisa por fazer em Portugal! Esta obra das creches e jardins de creanças nos bairros pobres de Lisboa, deve ser vossa e deve ser iniciada imediatamente. Dou-vos a palavra, Senhoras «Amigas de Lisboa»...

ACABA de ser posto à venda  
o 2.º volume de

Obra póstuma de  
Pinto de Carvalho  
(Tinop), livro indis-  
pensável em tôdas as  
bibliotecas dos «Ami-  
gos de Lisboa».

LISBOA  
DE OUTRORA

# PÁGINA DE CRÍTICA

«Peregrinações em Lisboa» de Norberto de Araújo

por LUIZ PASTOR DE MACEDO

NÃO há dúvida que os estudos sobre a história de Lisboa e que o gosto pela sua leitura se têm desenvolvido a ponto de se poder considerar a olisipografia como uma ciência, que, dado o interesse do seu objectivo, de dia para dia vai desafiando mais investigadores e gradualmente vai atraindo maior número de admiradores.

No curto espaço de três anos, veja-se por exemplo o que se tem publicado, pelo menos que de momento nos lembre: os doze volumes da *Lisboa Antiga*, de Castilho, em 2.<sup>a</sup> ed. dos bairros orientais, os três volumes das *Ruas de Lisboa*, publicação póstuma de Gomes de Brito, a tradução de *Lisboa de Quinhentos* de Damião de Gois, a *Narrativa* do cruzado Osberno sobre a tomada de Lisboa aos mouros, vertida do latim pelo dr. José Augusto de Oliveira, a 2.<sup>a</sup> ed. do *Castelo de S. Jorge* de Mestre Vieira da Silva a que se seguirão as reedições de todas as suas obras, a 3.<sup>a</sup> ed. do quinhentista *Sumário* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, em publicação na *Miscelânea*, completado com um volume de anotações sobre todas as ruas nele mencionadas, pelo signatário deste artigo, o trabalho do engenheiro José de Sousa Gomes, *Lisboa — da sua vida e da sua beleza*, o 1.<sup>o</sup> e o 2.<sup>o</sup> volumes de *Lisboa de Outrora* de João Pinto de Carvalho (Tinop), todas as publicações editadas pelo nosso grupo, que já vão sendo algumas, e o *Boletim Cultural e Estatístico*, da C. M. L. onde assinam estudos sobre a história da cidade, os srs. drs. Júlio Dantas, Alfredo da Cunha, Leite de Vasconcelos, D. António Pereira Forjaz, Eduardo Brazão, Serafim Leite, Quirino da Fonseca, Mário Sampaio Ribeiro, António Forjaz de Sampaio, etc. E além destas obras, está anunciada para breve a saída de outras, entre as quais o *Carmo e a Trindade*, de Matos Sequeira. Como não podia deixar de ser, acompanhando

este movimento editorial, as colecções de livros sobre Lisboa vão aumentando nas bibliotecas particulares, onde em algumas, existem de facto olisiponianas de valor incalculável; a procura dos livros clássicos que tratam da vida, da descrição ou da história da cidade, acentua-se e nos leilões são disputados com galhardia chegando os seus preços a atingir números extraordinários. Daqui, chega-se facilmente a esta conclusão: comprar livros de olisipografia, ao passo que é uma necessidade para os estudiosos que se interessam pelo assunto, constitue já hoje uma forma de empatar capital com segurança...

Ora entre este movimento que se vem vencendo a favor da cidade, começou ultimamente a aparecer um trabalho de um *Amigo de Lisboa* de sempre, trabalho que é o objecto deste artigo. A obra intitula-se *Peregrinações em Lisboa* e o seu autor é Norberto de Araújo.

Muitos dos sócios do nosso grupo, assinantes da obra e com os livros saídos já lidos, têm sobre ela o seu juízo formado, e dada a sua competência, não necessitam de vir a esta página procurar a confirmação do juízo já feito ou a razão de o ter de rectificar. Porém, outros *Amigos de Lisboa* de-certo, não adquiriram ainda a obra e terão todo o interesse em conhecer, pelo menos, a opinião de quem tem passado toda a vida dedicando a sua acção em prol de Lisboa e ao estudo da sua história.

\* \* \*

Segundo o Autor, a obra « não se apura na erudição antes recolhida, nem enriquece de novidades, porque... tal não quer caber no plano: Discorre, ilustra, peregrina. É essencialmente um tratado de divulgação ».

Está quasi tudo certo e o que não está tem de creditar-se em abôno da obra.



De facto o Autor não desejou fazer um trabalho de erudição, mas ao contrário do que afirma na *Razão das Peregrinações*, são muitas as notícias que dá, principalmente respeitantes às últimas dezenas de anos da existência de alguns edifícios. Isto é, completa até à actualidade os estudos que encontrou feitos até determinada altura, como succede, por exemplo, com as *mercearias* de D. Afonso IV e da rainha D. Brites, com o palácio da Rosa, com o Coleginho, com os Meninos Órfãos, etc.

E em seguida à explicação prévia, Norberto de Araújo dá o braço ao leitor curioso e começa a calcurriar Lisboa. A atenção do Leitor — do Dilecto — é chamada para observar tudo quanto deve ser observado: para a fachada dum edificio, para a grandeza dum monumento, para o engraçado ou enigmático dístico duma rua ou dum bêco, para o pitoresco dum recanto, para a data que indica a velhice duma fonte pública, etc., dando intervaladamente a história de tudo isso, mas sem cansar, lentamente, relatada em conversa simples, interessando, prendendo, ensinando.

Só quem se embrenhou no estudo da olisipografia, pode avaliar a quantidade de obras que foi necessário consultar para poder-se fazer, como se fôsse feito com *uma perna às costas*, o que Norberto de Araújo está fazendo com a publicação das suas *Peregrinações*.

«É essencialmente um trabalho de divulgação», elucida-se na abertura do primeiro livro, e na verdade assim é. Mas um trabalho

de divulgação, que, quanto a nós, é um dos melhores que se tem feito, da história, das belezas e do pitoresco da nossa cidade. Síntese perfeita — e todos sabem como é difícil fazer-se uma síntese, principalmente de estudos desta natureza, de matéria variada e dispersa por variadíssimas obras — síntese perfeita, dizíamos, de tudo quanto se tem investigado e escrito sobre a existência e a vida de Lisboa através dos séculos, tem ainda a vantagem de ser apresentada pela forma que já ficou mencionada e que interessa, até mesmo aquêles, que como nós, conhecem se não na intimidade, pelo menos de *vista*, tudo ou quasi tudo que o Autor vai mostrando nos seus itinerários.

Por último notaremos uma circunstância que muito valoriza a obra: o escrúpulo com que é feita. Não seria para estranhar, que, perante um plano tão vasto, que mensalmente vai sendo executado através de 80 páginas cheias de leitura toda ela aproveitável, uma ou outra inexactidão escapasse ao cuidado que o Autor pôs na elaboração do trabalho. Pois tal não succede. Nos livros publicados, apenas notámos duas inexactidões, aliás de pouca importância, as quais sabemos que o Autor deu logo por elas e que, conforme sua declaração, serão corrigidas no fim do Livro V.

Pelo que aí fica, *Peregrinações em Lisboa* é um livro que se pode e deve recomendar, principalmente a todos os sócios do nosso grupo.

As ilustrações, primorosas, são do nosso sócio Martins Barata e a edição, muito cuidada da Parceria Pereira.



# OBRAS OFERECIDAS PARA A BIBLIOTECA DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA" PELOS SEGUINTESENHORES E ENTIDADES:

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DOS LOJISTAS DE LISBOA  
N.º 188/9/275/329/531/562/592 — *Boletim da Associação  
Comercial dos Lojistas de Lisboa.*

CARLOS ARRUDA FURTADO

» 190/7 — *A Higiene da Capital*, pelo oferente.

MÁRIO SAMPAYO RIBEIRO

» 198 — *Da Velha Algés*, pelo oferente.

SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

- » 199 — *Centenário de Gil Vicente*, (1937).
- » 200/1 — *A' Monsieur le President de l'Institut de  
Cooperation Intellectuelle de la Societé des  
Nations* (1936).
- » 202/3 — *As Finanças Públicas e o Anuário Estatístico da S. D. N.* (1936) por *Oliveira Salazar*.
- » 204/5 — *Um passado que não volta*, (1933) separata do jornal *A Verdade*.
- » 206/7 — *Politica de verdade, Politica de sacrificio,  
Politica Nacional* (1934) pelo *Dr. Oliveira Salazar*.
- » 208/9 — *Contra todas as Internacionais* (1934).
- » 210/1 — *O Problema Universitário em Portugal* (1934).
- » 212/3 — *Anti-Marx* (1936), por *Pequito Rebelo*.
- » 214/5 — *O meu depoimento sobre o Comunismo* (1936) por *A. Vieira*.
- » 116/7 — *Ano X* (1936) por *Oliveira Salazar*.
- » 218/9 — *O Império*, por *Henrique Galvão*.
- » 220/1 — *Le Droit Public de l'Etat Nouveau* (1937).
- » 222/3 — *Le Portugal Gastronomique* (1937).
- » 224/5 — *Portugal Industrie* (1937)
- » 226/7 — *Conceitos Económicos e Sociais da Nova  
Constituição* (1933) por *Oliveira Salazar*.
- » 228/9 — *Portugal e a Missão Militar Inglesa* (1938) pelo Capitão *Alexandre de Moraes*.
- » 230/1 — *As ideias do Estado Novo, Corporações e  
Previdência Social* (1933) por *Dr. Pedro Teotónio Pereira*.
- » 232/3 — *L'Ouvre du Professeur Salazar* (1937) por *Thomaç Wylie Fernandes*.
- » 234/5 — *Aperçu Général du Corporatisme Portugais*
- » 236/7 — *A Fé e o Império* (1935) por *António Ferro*.
- » 238/9 — *O Estado Novo*.
- » 240/1 — *Le Peuple Portugais et ses Caracteristiques  
Sociales*, por *Francisco Casanovas*.
- » 242 — *Portugal*.
- » 243/4 — *Grandes Chasses—Tourisme dans L'Afrique  
Portugais*, por *João Augusto Silva*.
- » 245/6 — *Portugal, Aliança Inglesa e a Guerra de  
Espanha* (1937) por *Oliveira Salazar*.

N.º 247/8 — *Moscovo, por um antigo funcionário do  
Komintern*, por *A. Vieira*.

- » 249/50 — *O Stalinismo*, por *A. Vieira*.
- » 251/2 — *A Politica do Espirito e os Prémios Literários do S. P. N.* discurso pronunciado em 21-2-935, por *António Ferro* (1935).
- » 253/4 — *A Politica do Espirito e a Arte Moderna Portuguesa* (1935) por *António Ferro*.
- » 255/6 — *Os que arrancaram em «28 de Maio»* (1937) por *Oscar Paxeco*
- » 257/8 — *La Politique Monéaire du Portugal* (1937) por *Fernando Emydio da Silva*.
- » 259/60 — *L'Evolution de L'Architectura Domestique en Portugal* (1937) por *Raul Lino*.
- » 261/2 — *Théatre du Peuple* (1937).
- » 263/4 — *Organização Corporativa* (1935) pelo *Dr. Pedro Teotónio Pereira*.
- » 265/6 — *História do Rei Afonso e da Moira Zaida*, — Livro um — (1936).
- » 267/8 — *História do Cavaleiro Sem Medo* — Livro dois — (1936).
- » 269/70 — *Segunda História do Cavaleiro Sem Medo* (1937).
- » 271/2 — *História do Grande Fuas Roupinho* — outras maravilhas (1937).
- » 273/4 — *História dos Três Amigos e da Milagrosa Batalha de Alcácer* (1938).

AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS

- » 276 — *Pelo Império n.º 2 — A Campanha do Bailundo*, pelo *Marquês do Lavradio*.
- » 277 — *Pelo Império n.º 3, «Dembos»* por *Henrique Galvão*.
- » 278 — *Pelo Império n.º 4 Roçadas — Na ocupação do Sul de Angola*, por *Alberto de Almeida Teixeira, Tenente Coronel*.
- » 279 — *Pelo Império n.º 5, «Sá da Bandeira»*, por *Lourenço Cayola*.
- » 280 — *Pelo Império n.º 6 «António Maria Cardoso»* pelo *Dr. Américo Pires de Lima*.
- » 281 — *Pelo Império n.º 7, «D. Cristóvam da Gama»* por *Albino Forjaç de Sampaio*.
- » 282 — *Pelo Império n.º 8, «O Combate de Macequece»* por *João de Azevedo Coutinho*.
- » 283 — *Pelo Império n.º 9, «Dembos»* por *Henrique Galvão*.
- » 284 — *Pelo Império n.º 10 «Henrique Augusto Dias de Carvalho»*, pelo *Marquês do Lavradio*.
- » 285 — *Pelo Império n.º 11, «As duas Conquistas de Augoche»*, por *João de Azevedo Coutinho*.
- » 286 — *Pelo Império n.º 12 «Naulila»*, por *Alberto de Almeida Teixeira*.

- N.º 287 — *Pelo Império*, n.º 13, «O Combate de Maceguece» por João Azevedo Coutinho.
- » 288 — *Pelo Império*, n.º 14, «General Eduardo Galhardo», por Eduardo de Noronha.
- » 289 — *Pelo Império*, n.º 15 «O General Pereira d'Eça no Cuanhama», por Alberto de Almeida Teixeira.
- » 290 — *Pelo Império*, n.º 16, «Dembo», por Henrique Galvão.
- » 291 — *Pelo Império*, n.º 17, «Mousinho», por Amadeu Cunha.
- » 292 — *Pelo Império*, n.º 18, «Pero da Covilhã».
- » 293 — *Pelo Império*, n.º 19, «Manuel António de Sousa — Um Capitão-mor da Zambézia», por João de Azevedo Coutinho.
- » 294 — *Pelo Império*, n.º 20, «A Dilatação da Fé no Império Português I», por J. Alves Correia.
- » 295 — *Pelo Império*, n.º 21, «A Dilatação do Ferro no Império Português II», por J. Alves Correia.
- » 296 — *Pelo Império*, n.º 23, «Luciano Cordeiro», por J. Cordeiro de Sousa.
- » 297 — *Pelo Império*, n.º 24, «Aires de Ornelas», por Eduardo Lupi.
- » 298 — *Pelo Império*, n.º 25, «O Explorador Serpa Pinto», por Eduardo Noronha.
- » 299 — *Pelo Império*, n.º 26, «Chamite», por Alfredo Pimenta.
- » 300 — *Pelo Império*, n.º 27, «Diogo Cão», por Silva Tavares.
- » 301 — *Pelo Império*, n.º 28, «António Enes», por Lourenço Cayola.
- » 302 — *Pelo Império*, n.º 29, «Os Robys» I, pelo Conde de Campo Belo.
- » 303 — *Pelo Império*, n.º 30, «Os Robys» II, pelo Conde de Campo Belo.
- » 304 — *Pelo Império*, n.º 31, «Os Robys» III, pelo Conde de Campo Belo.
- » 305 — *Pelo Império*, n.º 32, «Os Exploradores Capelo e Ivens», por Eduardo de Noronha.
- » 306 — *Pelo Império*, n.º 33, «Mousinho» por Amadeu Cunha.
- » 307 — *Pelo Império*, n.º 34, «Mousinho» IV, por Amadeu Cunha.
- » 308 — *Pelo Império*, n.º 35, «Mousinho» V, por Amadeu Cunha.
- » 309 — *Pelo Império*, n.º 36, «A Defeza de Lourenço Marques» por Eduardo Noronha.
- » 310 — *Pelo Império*, n.º 37, «Salvador Correia de Sá e Benevides», por Albino Forjaz de Sampaio.
- » 311 — *Pelo Império*, n.º 38, «O Coronel Borges», por Silva Tavares.
- » 312 — *Pelo Império*, n.º 39, «Conselheiro Dr. António Teixeira de Sousa».
- » 313 — *Pelo Império*, n.º 40, «Tenente Valadim» por Eduardo de Noronha.
- N.º 314 — *Pelo Império*, n.º 41, «Timor — subsídios históricos», por Fração de Vasconcelos.
- » 315 — *Pelo Império*, n.º 42, «Proveiros de Angola», por Gastão Sousa Dias.
- » 316 — *Pelo Império*, n.º 43, «Artur de Paiva», por Alberto d'Almeida Teixeira.
- » 317 — *Exposição Histórica da Ocupação no Século XIX — Principais factos da Ocupação Ultramarina*.
- » 318 — *Pela Fé e Pelo Império*, por Silva Tavares.
- » 319 — *O Império na Política Económica Nacional — Principais conferências do Império Colonial Português*.
- » 320 — *Discursos — Primeira conferência Económica do Império Colonial Português*.
- » 321 — *O Muata Cazembe I e os povos maraves, chevas, muiços, mucubas, lundas e outros da Africa Austral*, Diário da Exposição Portuguesa, pelo major Monteiro.
- » 322 — *A Ocupação Militar da Guiné*, por João Teixeira Pinto.
- » 323 — *As operações militares no sul de Angola em 19/4/5*.
- » 324 — *Portuguesa em Africa depois de 1851*, pelo Marquês do Lavradio.
- » 325 — *Finanças Coloniais em 1935 — Relatório dos Orçamentos Coloniais, 1935*, pelo Dr. Armindo Monteiro.
- » 326 — *A vida breve e ardente de Serpa Pinto*, por Carlota de Serpa Pinto.
- » 327 — *O Muata Cazembe e os povos maraves, chevas, muiços, mucubas, lundas e outros da Africa Austral*.
- » 328 — *Alta Cultura Colonial, Discursos e Conferências do Progresso Colonial, 1938*.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS AGRÍCOLAS — MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- » 330/1 — *O Escaravelho Americano I*, pela repartição dos Serviços Fitopatológicos.
- » 332/3 — *A Verruga Negra II*, pela repartição dos Serviços Fitopatológicos.
- » 334/5 — *O Mildio III*, pela repartição dos Serviços Fitopatológicos.
- » 336/7 — *Rizoctonia Negra IV*, pela repartição dos Serviços Fitopatológicos.
- » 338/9 — *A Traça da Batata V*, pela repartição dos Serviços Fitopatológicos.
- » 340/1 — *Pé Negro e apodrecimento do tuberculo VI*, pela repartição dos Serviços Fitopatológicos.
- » 342/3 — *Os Virus Filtráveis*, pela repartição dos Serviços Fitopatológicos.
- » 344/5 — *Fenecimento Fungoide da Batateira*, pela repartição dos Serviços fitopatológicos.

(Continua).

# EDIÇÕES DO GRUPO AMIGOS DE LISBOA

---



---

TIRAGENS LIMITADAS E ALGUMAS NUMERADAS:

	Preços de venda para o público	Preços de venda para os sócios
<i>LISBOA DE OUTRORA, volumes 1 e 2 ... ..</i>	7\$00	8\$50
Por PINTO DE CARVALHO (TINOP)		
<i>EVOCAÇÃO DO CAFÉ MARTINHO... ..</i>	7\$50	5\$00
(Quási esgotado)		
<i>NOITE DE EVOCAÇÃO DO «LEÃO DE OURO»</i>	7\$50	5\$00
(Quási esgotado)		
<i>PEQUENA MONOGRAFIA DE S. VICENTE</i>		
Edição vulgar ... ..	8\$00	6\$00
Edição especial .. ..	20\$00	12\$00
<i>URBANIZAÇÃO DE LISBOA ... ..</i>	2\$50	2\$00
<i>OLISIPO N.ºs 1, 2 e 3 ... ..</i>	7\$50	5\$00
<i>ERMIDA DE SANTO AMARO ... ..</i>	9\$50	7\$50
Por LUIZ MOITA		
<i>RUINAS DO CARMO... ..</i>	3\$00	2\$00
Pelo Dr. EDUARDO NEVES		
<i>VISITA A IGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA</i>	3\$00	2\$00
Por MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO		
<i>IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA ... ..</i>	3\$00	2\$00
Pelo Dr. EDUARDO NEVES		

# OLISIPO

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

ÍNDICE DO 1.º VOLUME - 1938

# EDIÇÕES DO GRUPO AMIGOS DE LISBOA

TITULOS LIMITADOS E CUBERTAS NUMERADAS

	Preço de cuberta em escudos	Preço de capa em escudos
LISBOA DE OUTEIRA, volume 1 e 2 por J. G. CARVALHO	200	200
EDUCAÇÃO DO CAPE MARTINHO (Quatro volumes)	200	200
NORTE DE ESCOZA (Quatro volumes)	200	200
BOLETIM DO GRUPO AMIGOS DE LISBOA	200	200
INDICE DO 1.º VOLUME - 1928	200	200
ORGANISMO DE LISBOA	200	200
QUILIPÓ N.º 1	200	200
IGREJA DE SANTO AMARO por J. G. CARVALHO	200	200
IGREJA DO CARMO por J. G. CARVALHO	200	200
IGREJA DA IGREJA DA CONDIÇÃO PELA por J. G. CARVALHO	200	200
IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA por J. G. CARVALHO	200	200

A SÉ DE LISBOA, pelo arq. ANTÓNIO COUTO (Olisipo n.º 1)..... Pág. 10

A IGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA, por MARIO DE SAMPAIO RIBEIRO  
(Olisipo n.º 3)..... » 17

A IGREJA DA PENHA DE FRANÇA, pelo Dr. EDUARDO NEVES (Oli-  
sipo n.º 4)..... » 12

ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO, Notícia sôbre o descerramento  
duma lápide na fachada do prédio que hoje se levanta no local onde  
teve a sua primeira sede o «Estudo Geral», de Lisboa, e conferência  
por GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA (Olisipo n.º 2)..... » 26

ALGUNS APONTAMENTOS PARA A HIGIENE DA CIDADE, pelo  
Dr. ARRUDA FURTADO (Olisipo n.º 1)..... » 12

AMIGOS DE LISBOA, por LUIZ PASTOR DE MACEDO (Olisipo n.º 1).... » 8

AMIGOS DE LISBOA — Lista dos sócios — (Olisipos n.ºs 1, 2 e 3) res-  
pectivamente, páginas 23, 32 e ..... » 30

AS PINTURAS DO MENINO DEUS, OS TEMAS E OS SEUS  
AUTORES, por CRUZ CERQUEIRA (Olisipo n.º 4)..... » 22

AS RUINAS DO CONVENTO DO CARMO, pelo Dr. EDUARDO NEVES  
(Olisipo n.º 2)..... » 18

BIBLIOTECA — Obras oferecidas — (Olisipo n.ºs 2 e 4) página 29 e... » 30

COUSAS PASSADAS, pelo Eng. A. VIEIRA DA SILVA (Olisipo n.º 1)... » 5

CRÓNICA, por LUIZ MOITA (Olisipo n.ºs 2, 3 e 4) respectivamente pági-  
nas 24, 26 e..... » 25

EXPOSIÇÃO DE ARTE DECORATIVA, pelo Escultor João S:LVA (Olisipo n.º 1).....	Pág. 14
LISBOA VISTA PELOS ESTRANGEIROS — Século xv — do «Itene- rario», de JERONIMO MUNZER, tradução de BASÍLIO DE VASCONCELOS (Olisipo n.º 1).....	» 21
LISBOA VISTA PELOS ESTRANGEIROS — Século xix — Do «Sou- venirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et Portugal, de 1808 a 1811», de LAURA JUNOT, Duquesa de Abrantes (Olisipo n.º 2)	» 28
LISBOA VISTA PELOS ESTRANGEIROS — Século xvi — Viagem a Portugal dos cavaleiros «Tron e Lippomani» (Olisipo n.º 3).....	» 28
PÁGINA DE CRÍTICA, por LUIZ PASTOR DE MACEDO (Olisipo n.º 4)...	» 28
PROBLEMA GERAL DA URBANIZAÇÃO DE LISBOA, pelo Dr. LEVY MARQUES DA COSTA (Olisipo n.º 2).....	» 3
RANCHOS LISBOETAS DE OUTRORA, por CARDOSO MARTHA (Olisipo n.º 3).....	» 24
SÓBRE O PROBLEMA DE ABASTECIMENTO DE LEITE A CIDADE DE LISBOA, pelo Dr. A. MONTEIRO DA COSTA (Olisipo n.º 1)	» 18
TURISMO, por LUIZ TEIXEIRA (Olisipo n.º 1).....	» 16
VESTÍGIOS VIVOS DAS MURALHAS DE LISBOA, por NORBERTO DE ARAÚJO (Olisipo n.º 2).....	» 22
VISTA PANORÂMICA DE LISBOA, pelo Dr. PERRY VIDAL (Olisipo n.ºs 2, 3 e 4) respectivamente páginas 5, 3 e .....	» 3







